

FONTES PRIMÁRIAS

PRIMARY SOURCES



TRATADO DAS CONTRADIÇÕES E DIFERENÇAS DE COSTUMES ENTRE A EUROPA E O JAPÃO¹

Pedro Brocco²

Nota Introdutória

A obra quinhentista do jesuíta português Luís Fróis só veio à lume, na forma mais acabada como a conhecemos, no século XX. Além da *História do Japão*, cujo primeiro volume, sob os cuidados da edição de Franz Wicki S.J., foi publicado em 1976, o século XX viu também a publicação, em 1955, sob a organização do jesuíta Josef Franz Schütte, o *Tratado em que se contém, muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta província de Japão*. O único exemplar do *Tratado* foi encontrado por Schütte na Biblioteca da Real Academia de História de Madri, em 1946, obtendo sua publicação em edição crítica nove anos mais tarde em Tóquio, no **Japão³**.

O volume encontrado por Josef Franz Schütte em Madri era formado por um conjunto de quarenta páginas de carta japonesa, com as dimensões de 16x22 centímetros, estruturado em quatorze **capítulos⁴**.

Quando se analisa a estrutura e o estilo do *Tratado* de Fróis, o estudioso se depara com uma retórica diferente da de outros padres jesuítas e seus escritos sobre as missões.

Luís Fróis opta pela técnica do confronto direto e pontual não apenas com as grandes diferenças, mas também com as pequenas e particulares diferenças que distinguem de maneira decisiva a sociedade japonesa e a europeia. A modalidade direta de Fróis exclui do texto qualquer comentário ou juízo de valor explícito: ele deixa reservado ao leitor a obrigação do esforço de reflexão pessoal e imaginativo de uma experiência profunda das diferenças.

Fróis, assim, destitui-se de uma posição de missionário buscando a conversão dos gentios, colocando-se ao lado daqueles vindouros explora-

dores de culturas que se propõem a descrevê-las a partir de seus mecanismos internos de costumes e crenças, inserindo-as num registro geral das diferenças culturais.

Fróis aproxima-se, curiosamente, de Michel de Montaigne, quando este reconhece um valor positivo aos ritos tupis do Brasil e às suas formas culturais, admirando neles a coragem, a constância e o sentimento de honra, em seu ensaio sobre os canibais. A narrativa de Montaigne, porém, foi produzida por um intelectual recluso que não possuía atuação direta no projeto de colonização, ao contrário de Nóbrega e seus companheiros jesuítas, na linha de frente da colonização do **Brasil**⁵.

Fróis aproxima-se também, curiosamente, de Antoine Galland, erudito orientalista e tradutor de *As mil e uma noites* a partir de um manuscrito sírio do século XV. Galland escreve, em 1678, *Le Voyage à Smyrne*, publicado somente no ano 2000, contendo 166 aforismos que elencam contradições e diferenças entre franceses e turcos, em um estilo ao mesmo tempo distante de um espírito missionário e próximo do *Tratado* de Luís Fróis. A prova de que o Oriente pode ser intensamente vivido pela cultura ocidental é a presença das *Mil e uma noites* como uma das mais belas obras da literatura universal. Mas isso talvez não tivesse se dado sem um olhar curioso e poroso como o de Antoine Galland.

Ao manter-se neutro em seu estilo no *Tratado das contradições e diferenças*, Fróis não emite nenhum juízo de valor explícito à cultura japonesa, muitas vezes tentando mostrá-la como o avesso da cultura europeia, aproximando-as, como bem analisou Claude Lévi-Strauss, pela via da inversão e de uma espécie de jogo de espelhos.

Se o século XVI viu com crescente frequência o aparecimento do tópico dos “caráteres nacionais” e a “caracteriologia dos povos” a ponto de se tornar um lugar comum, percebe-se neste funcionamento um sucesso que se nutre de rivalidades entre nacionalismos em uma Europa prestes a ver a consolidação da Era dos Estados nacionais: sobre o mapa da Europa, cada paixão tem seu lugar, e também cada talento e bizarrice passam a ser imaginariamente situados (LESTRINGANT, 2002, p. 177).



O *Tratado das Contradições e Diferenças* de Fróis possui 14 capítulos nos quais o jesuíta português estabelecerá descrições antitéticas sobre uma série de tópicos envolvendo os japoneses e os europeus, como as mulheres, a forma de se vestir, de comer, de se curar, de escrever, do teatro, da música, etc. Como exemplo, posso citar três séries de comparações, uma sobre as mulheres, uma sobre a forma de estudar e de conhecer e uma sobre a linguagem.

Sobre as mulheres:

Na Europa a suprema honra e riqueza das mulheres moças é a pudicícia e o claustro inviolado da pureza; as mulheres do Japão nenhum caso fazem da limpeza virginal nem perdem, por não a ter, honra nem casamento.

Sobre o estudar e o conhecer:

Nós estudamos diversas artes e ciências por nossos livros; eles toda a vida gastam em conhecer o coração dos caracteres.

A última, uma questão de filosofia da linguagem que muito interessa aos filósofos, etnolinguistas e aos psicanalistas. Escreve Fróis:

Na Europa busca-se a clareza nas palavras e evita-se a ambiguidade; no Japão as expressões ambíguas são a melhor linguagem e a mais apreciada.

Fróis, entretanto, parece apontar para um além da dinâmica de rivalidades nacionais: ao produzir um trabalho, um estudo ou um gênero de anotações cujo objetivo seria o da *comparação por inversão*, aproxima o Japão da Europa pela via do pitoresco: se o Japão é pitoresco, a Europa, vista desde o Japão, pode também perfeitamente sê-lo.

É neste sentido que Lévi-Strauss, em seu prefácio à reedição do *Tratado* de Fróis na língua francesa, afirma, citado por Lestringant, que “centenas de comparações, formuladas de modo conciso e construídas em forma de paralelismo, sugerem ao leitor que ali não são assinaladas apenas diferenças, mas que todas as oposições constituem, de fato, inversões” (LÉVI-STRAUSS, 1998, p. 9).

Por fim, gostaria de fazer alguns comentários sobre a edição por mim apresentada. Trata-se de um trabalho de organização e apresentação da edição crítica *princeps* apresentada por Josef Franz Schütte S.J. em 1955, princi-



palmente no sentido de fazer adaptações no vocabulário, tornando-o mais fluido e próximo da língua portuguesa contemporânea.

A edição de Schütte é bilíngue, apresentando em páginas intercaladas o português quinhentista de Fróis e sua tradução para o alemão. A edição de Schütte é ricamente composta de notas explicativas em alemão, além de também conter ilustrações contemporâneas ao período da missão jesuíta no Japão, como de Kanō Yoshinobu (c. 1600) e ilustrações para contextualização de alguns tópicos da obra, como a ilustração de Toyotomi Hideyoshi, sem indicação de autoria.

Em relação às notas de rodapé feitas por Schütte em alemão, procurei traduzi-las, quando entendi pertinente, e ampliar o seu alcance na medida do possível, consultando, para este fim, o *Glossário Luso-Asiático* de Sebastião Rodolfo Dalgado, que Schütte utiliza pouco. Por outro lado, Schütte opta por utilizar o *Vocabulario da lingua de lapam*, publicado em Nagasaki em 1603, elaborado por vários jesuítas. Tal opção aproxima o vocabulário publicado em 1603 do léxico de Luís Fróis, porém não dispus do material consultado por Schütte para elaborar minhas próprias notas, concentrando-me apenas na consulta do *Glossário* de Dalgado. Como exemplo, cito a nota de rodapé aberta por mim para explicar o termo *catabira*, que Schütte não aborda:

Dalgado informa que *catabira* (do japonês *katabira*) designa “cabaia japonesa, feita de linho e usada no estio”. Exemplifica utilizando uma das cartas do próprio Fróis, de 1569, que diz “Veo seu filho de dentro com hum vestido muito rico, e hua **catabira** branca muito fina, que me mandava el Rey aquillo, pera que logo o vestisse, e a Lourenço outra **catabira** muito fina”. *Cartas de Japão*, I, fl 274 (DALGADO, 1919, p. 230).

Em outros momentos, opto por indicar, de forma mais concisa, o significado de algum termo, que Schütte explica de maneira mais completa e contextualizada em sua edição, como por exemplo o termo *dannas*, presente no Capítulo 4, sobre os costumes dos bonzos, o qual Schütte assim explica:

Dannas, portugiesische Pluralform von danna : Vocabul. da ling. d. lap., Nagasaki 1603, fol. 70v: “Danna. Fregueses, ou devotos, & professores dalgua seita. Item. Per met. Fregueses dalgum official que continuão com elle em otra, que lhe encomendão, &c.” Nach dem Kojirin 1254 kommt das Wort von Sanskrit Dâna-pati. Es bedeutet dasselbe wie das (jap.) Wort Seshu : jemand, der einen bestimmten Tempel mit sei-



nen Almosen unterhält, bzw. zu seinem Unterhalt beiträgt (Erst eine weitere Entwicklung hat zu anderen Bedeutungen, z.B. Hausherr, geführt).⁶

De modo geral, não pretendi traduzir todas as notas trazidas por Schütte em sua edição crítica e *princeps*, selecionando alguns trechos que me pareceram mais relevantes e que poderiam esclarecer o significado de alguma palavra. Assim, a edição aqui proposta não pretende substituir a edição crítica de Schütte para um estudo mais aprofundado do contexto de elaboração do *Tra-tado* de Fróis. Os termos no português quinhentista de Fróis, muitos já em desuso, por vezes foram compreendidos por mim a partir da tradução para o alemão de Schütte, de modo que procuro trazer, em relação a algumas palavras, notas com traduções pontuais. Nestes casos, trata-se de um recorte de notas explicativas mais amplas feitas por Schütte, com um foco mais específico na tradução e acepção de cada palavra.

As notas de Schütte estão em alemão com interpolações de materiais consultados como o *Vocabulario da lingoa de lapam*, que é citado no original. Quando Schütte cita em nota de rodapé o *Vocabulario* de 1603, reproduzo a nota sem a preocupação de adequá-la às normas de citação correntes, uma vez que fazem parte do texto original organizado por Schütte, citado nas referências (FROIS, 1955).

Quando houver notas do organizador, ainda que se trate de traduções pontuais de termos em alemão trazidos por Schütte, estas virão seguidas entre parênteses por (N.O.), significando Nota do Organizador. Quando não houver a indicação (N.O.), trata-se de nota de rodapé de Schütte, em geral trazendo alguma definição do *Vocabulario* de 1603. Neste caso, será feita a citação à edição *princeps* de 1955.



LUIS FROIS S.J.

KULTURGEGENSÄTZE
EUROPA–JAPAN
(1585)

TRATADO EM QUE SE CONTEM MUITO SUSINTA-
E ABREVIADAMENTE ALGUMAS CONTRADIÇÕES
E DIFERENÇAS DE CUSTUMES ANTRE A GENTE DE
EUROPA E ESTA PROVINCIA DE JAPÃO

ERSTMALIGE, KRITISCHE AUSGABE
DES EIGENHÄNDIGEN PORTUGIESISCHEN FROIS-TEXTES
IN DER BIBLIOTHECA DE LA ACADEMIA DE LA HISTÓRIA IN MADRID
MIT DEUTSCHER ÜBERSETZUNG, EINLEITUNG UND ANMERKUNGEN

VON

JOSEF FRANZ SCHÜTTE S.J.
MITGLIED DES HISTORISCHEN INSTITUTES
DER GESELLSCHAFT JESU IN ROM

TÖKYŌ
SOPHIA UNIVERSITÄT
1955



*TRATADO EM QUE SE CONTEM MUITO SUSINTA E ABREVIADAMENTE
ALGUMAS CONTRADIÇÕES E DIFERENÇAS DE CUSTUMES AN-
TRE A GENTE DE EUROPA E ESTA PROVINCIA DE JAPÃO*

Luis Frois, S.J.

JESUS MARIA

TRATADO⁷ EM QUE SE CONTÊM MUITO SUCINTA E ABREVIADAMENTE ALGUMAS CONTRADIÇÕES E DIFERENÇAS DE COSTUMES ENTRE A GENTE DE EUROPA E ESTA PROVÍNCIA DE JAPÃO. E AINDA QUE SE ACHEM NESTES PARTES DO **XIMO**⁸ ALGUMAS COISAS EM QUE PARECE CONVERGIREM OS JAPONESES CONOSCO, NÃO É POR SEREM COMUNS E UNIVERSAIS NELES, MAS ADQUIRIDAS PELO COMÉRCIO QUE TÊM COM OS PORTUGUESES QUE CÁ VÊM TRATAR COM ELES EM SEUS NAVIOS. E SÃO MUITOS DE SEUS COSTUMES TÃO REMOTOS, PEREGRINOS E DISTANTES DOS NOSSOS QUE QUASE PARECE INCRÍVEL PODER HAVER TÃO OPOSTA CONTRADIÇÃO EM GENTE DE TANTA POLÍCIA, VIVEZA DE ENGENHO E SABER NATURAL COMO TÊM. E PARA SE NÃO CONFUNDIREM UMAS COISAS COM OUTRAS, DIVIDIMOS ISTO COM A GRAÇA DO SENHOR EM CAPÍTULOS – FEITO EM **CANZUSA**⁹ AOS 14 DE JUNHO DE 1585 ANOS.

*Capítulo primeiro: Do que toca aos homens em suas pessoas e vestidos.

*2º: Do que toca às mulheres em suas pessoas e trajés.

*3º: Do que toca aos meninos em sua criação e costumes.

*4º: Do que toca aos bonzos que são seus religiosos.

*5º: Dos templos e coisas que tocam ao culto e religião.

*6º: Do modo de comer dos japões e de seu beber.

*7º: Das armas e da guerra.

*8º: Dos médicos, **mezinhas**¹⁰ e modo que têm de se curar.

*9º: Dos livros e modo de escrever dos japões.

*10º: Do que toca às fábricas das casas, ruas e jardins.

*11º: Do que toca aos cavalos e seus **dogus**.¹¹

*12º: Das embarcações e seus costumes e **dogus**.

*13º: Dos autos, farsas, danças, cantos e instrumentos de música.

*14º: Das coisas extraordinárias.



Capítulo primeiro

DO QUE TOCA AOS HOMENS EM SUAS PESSOAS E VESTIDOS

1. Pela sua maior parte os homens da Europa são altos e de corpo de boa estatura; | os japoneses pela maior parte mais baixos de corpo e estatura que nós.
2. Os da Europa tem por formosura os olhos grandes; | os japoneses os têm por horrendos, e os formosos são fechados da parte dos lagrimais.
3. Entre nós ter os olhos **brancos**¹² não se estranha; | os japoneses os têm por monstruoso, e é coisa rara entre eles.
4. Os nossos narizes são altos e alguns aquilinos; | os seus baixos e as ventas pequenas.
5. Pela maior parte a gente da Europa tem boa cópia de barba; | os japoneses pela maior parte pouca e não bem composta.
6. A honra e primor que a gente da Europa tem posta na barba, | os japoneses a põem no cabelinho que trazem atado detrás do toutiço.
7. Os homens entre nós andam tosquiados e têm por afronta pelarem; | os japoneses se pelam com tenazes para não terem cabelos, e isto com dor e lágrimas.
8. Entre nós há muitos homens e mulheres com sardas; | os japoneses, com serem alvos, há mui poucos que o sejam.
9. Entre nós é raro serem os homens ou mulheres **bexigosos**¹³; | entre os japoneses é coisa muito comum e cegam muitos de bexigas.
10. Entre nós trazer as unhas compridas se tem por sujidade e pouca criação; | os japoneses, assim homens como mulheres fidalgas, trazem algumas como de gaviões.
11. Entre nós se tem por deformidade ter uma cutilada no rosto; | os japoneses se prezam delas, e como são mal curadas são ainda mais disformes.



QUANTO AOS VESTIDOS DOS HOMENS

1. Os nossos vestidos quase em todos os 4 tempos do ano são os mesmos; | os japoneses os variam 3 vezes no ano: *nacçu*, *catabira*, *aqui avaxe*, *fuyu* quimono.
2. Entre nós trazer o vestido pintado se teria por leviandade e zombaria; | nos japoneses é universal trazerem-nos todos pintados, exceto bonzos e velhos raspados.
3. Entre nós quase cada ano se inventa um novo traje e invenção de vestidos; | no Japão sempre a feição é a mesma e sem nunca variar.
4. Entre nós sobre os gibões e palotes se usa de trazer capa; | os japoneses sobre o quimono ou *catabira* trazem um sambenito pintado muito ralo, aberto por diante.
5. As nossas mangas são estreitas e chegam até o colo da mão; | as dos japoneses largas, assim homens como mulheres e bonzos, chegam-lhe até meio braço.
6. Os nossos calções ou ceroulas são abertos por diante; | os dos japoneses tem duas aberturas nas ilhargas e um tanga ou arção de sela de [?]¹⁴.
7. As nossas calças e muslos imperiais são de seda atroceladas de ouro; | os vestidos dos japoneses, ainda que sejam de seda, os calções sempre hão de ser de **canga**¹⁵ ou nono¹⁶.
8. Os vestidos dos homens entre nós não é coisa que possa servir às mulheres; | os quimonos e **catabiras**¹⁷ do Japão igualmente servem às mulheres e homens.
9. Os nossos vestidos são justos, estreitos e apertados no corpo; | os do Japão tão largos que com facilidade e sem pejo se despem logo da cintura para cima.
10. Nós por causa dos botões e atacas não podemos meter a mão no corpo facilmente; | os japoneses assim homens como mulheres, como não tem nada disto, sempre, especialmente no inverno, trazem as mangas por fora caídas e as mãos dentro no corpo.
11. Entre nós se veste o melhor vestido em cima e o somenos debaixo; | os



japoneses o melhor debaixo e o somenos em cima.

12. Entre nós sempre o vestido há de ser melhor que o forro; | no Japão os *dobuqus*¹⁸ dos senhores hão de ter o forro melhor que o vestido, se puderem.
13. Nós trazemos os *dobuquos*¹⁸ de peliças com a pele para dentro; | os japoneses aos trazem com as peliças para fora.
14. Entre nós tosquia ou raspa um homem a cabeça para se aliviar de dores; | os japoneses a raspam por tristeza ou dó, ou por estarem fora da graça de seus senhores.
15. Entre nós raspa um a barba quando se quer meter em alguma religião; | os japoneses cortam o cabelinho do toutiço como sinal de que deixam as coisas do mundo.
16. Entre nós se dobram os roupões da mão direita para a esquerda; | os japoneses dobram os quimonos da esquerda para a direita.
17. As nossas camisas têm mantos e são cerradas por diante; | as *catabiras* dos japoneses são abertas por diante e não tem mantos.
18. Entre nós se dobram os vestidos para se guardarem com o direito para dentro e o avesso para fora; | os japoneses os dobram com o direito para fora e o avesso para dentro.
19. Entre nós os lenços são de pano muito fino, lavrados ou de desfiado, etc.; | os dos japoneses uns são como de liteiro grosso e outros de papel.
20. Nós fazemos a cortesia de tirar o barrete; | os japoneses a fazem com descalçar os sapatos.
21. Entre nós se usa de espadas que cortam de ambos os gumes; | os japoneses de traçados que não cortam mais que de um gume somente.
22. As nossas bainhas são de couro ou de veludo; | as dos japoneses de pau *vruxadas*²², e as dos senhores cobertas de ouro ou prata.
23. As nossas espadas têm conteiras, cabos e um pomo; | as dos japoneses nenhuma destas coisas têm.
24. As nossas espadas se provam em paus ou em animais; | os japoneses ficam-se para provar as suas em corpos de homens mortos.
25. Entre nós os traçados ou alfanjes se trazem com a arcada para baixo; | os



japoneses os trazem com o côncavo para baixo e o arcado para cima.

26. Nós usamos de feltros, **bedens**²⁰ e capas d'água e sombreiros para a chuva; | os japoneses altos e baixos de capas de palha muito compridas e sombreiros de palha.
27. Nós temos por grande recreação saúde e alívio o passear; | os japoneses totalmente não o usam, antes se espantam e o tem em nós por trabalho e penitência.
28. As nossas espadas e coisas de muito preço estão bem guarnecidas; | as suas preciosas nenhum aparato nem guarnição têm.
29. Nós temos por descortesia não estar o servo em pé quando o senhor está sentado; | e eles por mau ensino não se sentar também o criado.
30. Nós usamos o preto por luto; | e os japoneses o branco.
31. Nós quando caminhamos levantamos os vestidos por diante para os não sujar; | os japoneses os levantam tanto por trás, que lhe fica todo o norte descoberto.
32. Entre nós os pajens e fidalgos acompanhando seus senhores não lhe há de aparecer um dedo do pé; | os japoneses quando os acompanham pelas ruas arregaçam os calções até as virilhas.
33. Nós em todo tempo deitamos o cuspinho fora; | os japoneses comumente engolem para dentro os escarros.
34. A espada que se cinge entre nós se joga com uma mão; | as dos japoneses, como são muito pesadas, todas se jogam com ambas.
35. Nós usamos de sapatos de couro, e os fidalgos de veludo; | os japoneses altos e baixos de alparcas feitas de palha de arroz.
36. Entre nós na Europa seria doidice ir um fidalgo descalço diante de um príncipe; | os japoneses têm por mau costume ir calçados diante de quaisquer senhores que sejam.
37. Nós entramos nas casas calçados; | no Japão é descortesia e hão de deixar os sapatos à porta.
38. Nós para lavar as mãos e o rosto arregaçamos os pulsos somente; | os japoneses para o mesmo efeito se despem nus da cintura para cima.
39. As cortesias que nós fazemos com pôr um joelho no chão, | essas fazem



- os japoneses com se porem debruçados com os pés e mãos e a cabeça quase no chão.
40. Nós usamos de barretes de cantos ou redondos de pano; | os japoneses de barretes de seda, uns agudos e outros feitos à feição de sacos.
 41. Entre nós um remendo é coisa mui baixa; | no Japão estima um príncipe em muito um quimono ou *dobuqu* todo feito de remendos.
 42. Na Europa todo vestido se corta com tesoura; | no Japão tudo se corta com faca.
 43. Na Europa se teria por coisa afeminada trazer um homem abano ou abanar-se em ele; | no Japão é baixeza e miséria não o trazer sempre na cintura e usá-lo.
 44. Entre nós se usa de tochas de cera que vão diante dos fidalgos e príncipes; | no Japão de molhos de canas velhas, secas, compridas, ou molhos de palhas.
 45. Na Europa descobrir um pé ao fogo para se esquentar estranha-se; | no Japão quem está em pé ao fogo para se esquentar descobre em claro e sem pejo toda a traseira.
 46. Entre nós ver-se um fidalgo a um espelho se tem por obra afeminada; | os fidalgos japoneses para se vestirem têm comumente um espelho diante de si.
 47. Entre nós vestir-se de papel seria escárnio ou doidice; | no Japão, bonzos e muitos senhores se vestem de papel com a dianteira e mangas de seda.
 48. O que entre nós é trazer roupão por casaco; | disto usam os japoneses vestindo sobre as *catabiras dobuqus* sem mangas.
 49. Entre nós se lava a roupa esfregando-a com as mãos; | no Japão a lavam pisando-a aos coices com os pés.
 50. Nós trazemos lenços e papéis na algibeira ou manga; | os japoneses tudo trazem metido nos seios; e quanto mais alevantado é, mais elegante.
 51. Entre nós se usa de algibeiras; | os japoneses de bolsinhas penduradas na cintura.
 52. As bolsas servem na Europa para trazer dinheiro; | no Japão as dos fidalgos e soldados servem de cheiros, mezinhas e pederneira.



53. Entre nós a gente lava o corpo em suas casas muito escondido; | no Japão, homens, mulheres e bonzos em banhos públicos ou à noite às suas portas.
54. Entre nós pela chuva se trazem botas ou o calçado comum; | no Japão ou vão descalços ou levam chapins de **madeira**²¹ e bordões nas mãos.
55. Entre nós fazem o calçado de couro forte e grosso; | no Japão os *tabis*²² são de couro como luvas.
56. As nossas luvas dobram-se no colo da mão; | as dos japoneses chegam-lhe às vezes até os cotovelos.
57. Entre nós seria doidice trazer o vestido por cortar; | os *dobuqos* de peles dos japoneses assim se trazem como se os tivessem tirado dos veados.
58. Entre nós os sapatos, botas e calças têm solas ou palmilhas postiças; | os *tabis* de Japão não têm solas, mas todo o couro é contínuo.
59. Na Europa seria coisa ridícula trazer o calçado até meio pé somente; | no Japão é primor, e o inteiro é de bonzos, mulheres e velhos.
60. Entre nós se anda com todo o pé assentado no chão; | no Japão somente com as pontinhas sobre o calçado de meio pé.
61. Entre nós nem por verão nem por inverno se usam de vestidos ralos pelos quais se veja o corpo; | no Japão são pelo verão tão ralos que quase tudo se enxerga.
62. As bordas dos nossos saíões ou roupões compridos não são desfalcados em nada; | no Japão as *catabiras* e quimonos de homens e mulheres faltam-lhes um palmo nas bordas dianteiras.
63. Entre nós o vestido preto não se cose com linhas nem r[...] branco; | os japoneses não têm por inconveniente com branco coser o preto.

Capítulo 2º

DO QUE TOCA ÀS MULHERES, E DE SUAS PESSOAS E COSTUMES

1. Na Europa a suprema honra e riqueza das mulheres moças é a pudicícia e o claustro inviolado de sua pureza; | as mulheres do Japão nenhum caso



- fazem da limpeza virginal nem perdem, por não a ter, honra nem casamento.
2. As da Europa se prezam e fazem muito por ter os cabelos louros; | as japonesas os aborrecem e trabalham quanto podem para os fazer pretos.
 3. As da Europa fazem as suas **espertaduras**²³ na testa; | as japonesas raspam as testas e encobrem a espertadura.
 4. As da Europa perfumam os cabelos com cheiros odoríferos; | as japonesas andam sempre fedendo ao azeite com que os untam.
 5. As da Europa raramente usam de cabelos estranhos ajuntados aos seus; | as japonesas compram muitas perucas da China.
 6. As da Europa usam de muitos toucados para ornamento da cabeça; | as japonesas andam sempre com cabelo descoberto, e as fidalgas com ele solto.
 7. As da Europa os atam com nastos até baixo entrançados; | as japonesas os atam com um pequeno de papel em um só lugar detrás, ou os enrolam com um fio de papel no meio da cabeça.
 8. As mulheres da Europa põem capuzes ou véus na cabeça; | as japonesas um **vataboxi**²⁴ flocado ou um pedaço de pano branco sob o casaco.
 9. As mulheres da Europa lavam em suas casas os cabelos e cabeça; | as japonesas em banhos públicos onde há particulares lavatórios para os cabelos.
 10. As nobres da Europa trazem grandes rabos nas fraldas; | as japonesas em casa do **Qubo**²⁵ trazem quatro ou cinco cabeleiras apegadas umas nas outras que lhe andam arrojando três **côvados**²⁶ por detrás pelo chão.
 11. As da Europa prezam-se das sobancelhas bem-feitas e concertadas; | as japonesas as tiram todas com alicates, sem lhe ficar um só cabelo.
 12. As da Europa põem cosméticos na cabeça para a fazer alva; | as japonesas nobres lhe põem para festa umas pinturas de tinta preta.
 13. As da Europa, em breves anos se lhe fazem os cabelos brancos; | as japonesas aos sessenta não têm cabelos brancos porque os untam com azeite.
 14. As da Europa furam as orelhas e enchem-nas de brincos; | as japonesas



- nem furam orelhas nem trazem brincos.
15. Nas da Europa é defeito aparecerem-lhe muito a maquiagem do rosto; | as japonesas, quanto mais brancas elas se aplicam, tanto o tem por maior beleza.
 16. As da Europa trabalham com artes e meios de branquear os dentes; | as japonesas com ferro e vinagre trabalham por fazerem a boca e os dentes pretos como [...].
 17. As da Europa trazem pulseiras de ouro e prata nos braços; | as japonesas nobres do *Ximo* umas linhas delgadas em cinco ou seis voltas.
 18. As da Europa trazem joias e cordões de ouro ao pescoço; | as gentias do Japão nada, e as cristãs relicários ou rosários de contas.
 19. Às da Europa chegam-lhes as mangas até o colo da mão; | às japonesas chegam-lhe até meio braço e não têm por desonestidade descobrir os braços e peitos.
 20. Entre nós, andar uma mulher descalça ter-se-ia por doida ou desavergonhada; | as japonesas altas e **baixas**²⁰ a maior parte do ano andam sempre descalças.
 21. As da Europa trazem seu cinto muito apertado; | as japonesas nobres tão largo que lhe anda sempre caindo.
 22. As da Europa trazem anéis com pedraria e outras joias; | as japonesas nenhuma peça nem joia feita de ouro nem prata usam.
 23. As da Europa trazem bolsas ou chaves em seus cordões e cintos; | as japonesas cingem umas tiras de seda delgada pintadas com folhas de ouro, mas não lhe penduram nada.
 24. Os vestidos das da Europa são cerrados por diante e cobrem-lhe os pés até o chão; | os das japonesas são todos por diante abertos e chegam até o peito do pé.
 25. As da Europa trazem luvas preciosas e odoríferas; | as japonesas uns manguitos de seda até meio braço com todos os dedos fora.
 26. As da Europa trazem mantos muito compridos e pretos; | as nobres japonesas curtos e de seda branca.
 27. Os mantos da Europa não têm mangas nem pintura alguma; | no Japão



- as mesmas *catabiras* pintadas que vestem servem também de mantos.
28. Os soldados na Europa por festa se vestem de libré; | as japonesas vestem ordinariamente quimonos de libré e quarteados.
 29. Na Europa vão os homens na frente e as mulheres atrás; | no Japão os homens atrás e as mulheres na frente.
 30. Na Europa os bens são comuns entre os casados; | no Japão cada um tem os seus separados e às vezes a mulher empresta a juros ao marido.
 31. Na Europa, além do pecado, é suma infâmia repudiar a mulher; | no Japão, dá-se repúdio a quantas se quer, e elas não perdem por isso honra nem casamento.
 32. Segundo a natureza corrupta, os homens são os que repudiam as mulheres; | no Japão, muitas vezes as mulheres são as que repudiam os homens.
 33. Na Europa pelo rapto de uma parenta se põe toda a geração em perigo de morte; | no Japão, os pais e as mães e irmãos dissimulam e passam levemente por isso.
 34. Na Europa, o encerramento das filhas e donzelas é muito rigoroso; | no Japão, as filhas vão sós por onde querem por um dia e muitos, sem ter conta com os pais.
 35. As mulheres na Europa não vão fora de casa sem licença de seus maridos; | as japonesas têm liberdade de irem por onde quiserem, sem os maridos o saberem.
 36. O amor dos parentes e parentes entre si é na Europa muito grande; | no Japão muito pouco, e se vão uns aos outros como a estranhos.
 37. Na Índia levam os moços sombreiros às mulheres pela chuva ou sol; | no Japão as mulheres levam umas às outras.
 38. Na Europa, posto que o haja, não é frequente o aborto de crianças; | no Japão, é tão comum que há mulheres que abortam vinte vezes.
 39. Na Europa, depois da criança nascer, raras vezes ou quase nunca se a mata; | as japonesas lhe põem o pé no pescoço e matam todos os que lhe parecem que não podem sustentar.
 40. As mulheres grávidas na Europa largam os cingidouros para não fazer



- mal à criança; | as japonesas até que deem à luz se apertam com uma cinta tão rijamente que entre a cinta e a carne não lhe possa caber a mão.
41. As mulheres na Europa, acabando de dar à luz, deitam e descansam; | as japonesas hão de estar depois de dar à luz sentadas durante vinte dias de dia e de noite.
 42. Na Europa se protegem muito do ar e do vento depois do parto; | as japonesas em acabando de dar à luz se lavam e estão com portas e janelas abertas.
 43. Na Europa a clausura e encerramento das freiras é estreito e rigoroso; | no Japão os mosteiros das *biquinis*²⁸ quase se servem de rua de meretrizes.
 44. As freiras entre nós ordinariamente não andam fora de seus mosteiros; | as *biquinis* do Japão andam sempre em folguedos e às vezes vão de *jinda-chi*.²⁹
 45. Entre nós não é muito corrente saberem as mulheres escrever; | nas honradas do Japão se tem por abatimento as que não o sabem fazer.
 46. Nas cartas que se escrevem entre nós a mulheres, se assina o homem que a escreve; | no Japão, as que se escrevem a mulheres não hão de levar sinal, nem elas em suas cartas se assinam, nem põem mês nem era.
 47. Entre nós os nomes das mulheres são tomados das santas; | os nomes das japonesas são: tacho, grou, cágado, alparca, chá, cana.
 48. Na Europa trazem as mulheres chapins de couro ou dourados de Valência; | as japonesas os trazem de madeira *vruxada* com o dedo polegar dividido dos outros.
 49. As da Europa andam em silhões ou **andilhas**³⁰; | as do Japão cavalgam da mesma maneira que os homens.
 50. Para as mulheres se põe em cima das mulas nas andilhas umas almofadas; | no Japão para as mulheres honradas se põem em cima da sela do cavalo um lençol branco.
 51. Na Europa ordinariamente as mulheres cozinham; | no Japão cozinham os homens, e os fidalgos têm por primor ir cozinhar.
 52. Na Europa os homens são alfaiates; | e no Japão as mulheres.
 53. Na Europa os homens comem em mesas altas e as mulheres em baixas; |



- no Japão as mulheres em mesas altas e os homens em baixas.
54. Na Europa se tem por afronta beberem as mulheres vinho; | no Japão é muito frequente, e em festas bebem às vezes até ficarem de ressaca.
 55. As mulheres da Europa pela maior parte comem carne e peixe; | as japonesas fidalgas ordinariamente não comem carne, e muitas nem comem peixe.
 56. As mulheres da Europa, se estão com manto, cobrem-se ainda mais para falarem com gente; | as japonesas hão de tirar o manto da cabeça, porque falar com ele é descortesia.
 57. As fidalgas da Europa falam descobertamente com quem vem falar com elas; | as senhoras do Japão, se as pessoas não são conhecidas, falam-lhes por detrás de biombos ou esteiras.
 58. Na Europa podem entrar as mulheres em qualquer igreja que quiserem; | as gentias no Japão não podem entrar em alguns templos que lhe são proibidos.
 59. Entre nós seria muito estranho levarem as mulheres coisas em suportes sobre os ombros; | no Japão é ordinário carregarem as servas água em baldes.
 60. Na Europa recebem as mulheres os hóspedes ficando-se de pé; | as do Japão os recebem deixando-se ficar sentadas.
 61. As mulheres da Europa, para caminhar desconhecidas, levam rebuço; | as do Japão quando caminham atam uma toalha na cabeça que lhe cai ambas as pontas diante do rosto.
 62. As mulheres na Europa conservam seus cabelos até a morte; | no Japão as velhas e as que viúvam em lugar de luto e tristeza se raspam.
 63. As mulheres na Europa se sentam em estrados, cadeiras ou cadeiras de vime baixo; | as japonesas sempre em baixo com os pés juntos virados para trás estribando uma mão sobre o *tatami*.
 64. Entre nós as mulheres tomam o púcaro d'água com a mão direita e com a mesma o bebem; | as japonesas tomam o *sacanzzuqi*³¹ com a mão esquerda e bebem-no com a direita.
 65. As mulheres na Europa trançam os cabelos com fitas de seda; | as japone-



sas os atam por detrás em um só lugar, às vezes com um lenço muito sujo.

66. Na Europa, bastará um caixão de alvaiade para todo um reino; | no Japão vêm muitas somas de chineses carregadas dele e ainda não basta.
67. As mulheres na Europa cosem suas costuras com dedais de cobre na ponta do dedo; | as do Japão com uma tira de couro na palma da mão ou com um pouco de papel enrolado no meio do dedo.
68. Entre nós, quando se quer descoser um vestido, cortam-se as costuras com faca; | as mulheres do Japão tiram-lhe as linhas inteiras.
- 69.

Capítulo 3º

DO QUE TOCA ÀS CRIANÇAS E A SEUS COSTUMES

1. Os meninos na Europa andam tosquiados; | os do Japão até os quinze anos sempre se lhe deixa crescer o cabelo.
2. Os da Europa andam muito tempo em fraldas e até mesmo suas mãos estão envoltas nelas; | os do Japão logo nascendo lhe vestem quimonos e sempre andam com as mãos soltas.
3. Na Europa se usam de berços para os meninos dormirem e carretinhas para se ensinarem a andar; | os do Japão não têm nada disto e somente usam das ajudas que lhe dá a natureza.
4. Entre nós ordinariamente mulheres grandes trazem as crianças ao colo; | no Japão meninas muito pequenas andam quase sempre com as crianças às costas.
5. Entre nós as crianças trazem uma só faixa cingida e atada diante; | as do Japão trazem nos quimonos um monte de fitas e todas atadas detrás.
6. Entre nós um menino de quatro anos ainda não sabe comer com sua mão; | os do Japão de três anos comem por si mesmos com *faxis*.³²
7. Entre nós é ordinário açoitar e castigar os filhos; | no Japão é coisa muito rara e somente de[?]aro³³ os repreendem.
8. Entre nós se aprende a ler e escrever com mestres seculares; | no Japão



todos os meninos aprendem nas varelas dos bonzos.

9. Os nossos meninos aprendem primeiro a ler e depois a escrever; | os do Japão começam primeiro a escrever e depois aprendem a ler.
10. Os nossos mestres ensinam a doutrina, santos e virtuosos costumes aos meninos; | os bonzos os ensinam a tanger, cantar, jogar, esgrimir e com eles fazem suas abominações.
11. Os da Europa são mancebos e não sabem dar um recado; | os meninos japoneses de dez anos parecem de cinquenta no siso e prudência com que o dão.
12. Entre nós é um homem de vinte anos e quase que ainda não traz espada; | os meninos do Japão de doze, treze anos andam com *catana*³⁴ e *vaqizaxi*.³⁵
13. Os nossos meninos têm pouco assento e primor nos costumes; | os do Japão são nisto estranhamente inteiros, e tanto que geram admiração.
14. Os nossos meninos são pela maior parte pejados dos autos públicos e representações; | os do Japão despejados, livres e graciosos e mui airosos no que representam.
15. Os da Europa são criados com muitos mimos, branduras, bons comeres e vestidos; | os do Japão quase de todos os mimos e delícias carecem.
16. Os pais na Europa tratam os negócios imediatamente com seus filhos; | no Japão tudo é por recados e por terceira pessoa.
17. Entre nós no batismo ou crisma se tomam padrinhos; | no Japão quando o moço cinge de novo espada e muda o nome então o toma.
18. Entre nós os filhos vão acompanhando as mães quando vão fora; | no Japão raramente ou nunca (como são grandes) as acompanham.
19. Entre nós não se muda o nome depois da crisma; | no Japão pelo decurso da idade se muda cinco ou seis vezes.
20. Entre nós os meninos vão muitas vezes a casa dos parentes e lhes são familiares; | no Japão é raro irem a suas casas e os tratam como estranhos.
21. Na Europa os filhos herdam por morte dos pais; | no Japão os pais se deserdam muito cedo em vida para entregar a herança aos filhos.
22. Para a saúde das nossas crianças se lhes sarrafam e tiram sangue; | no Ja-



- pão se lhe não tira, antes as curam com **botões de fogo**³⁶.
23. Entre nós as mulheres somente usam de arrebique e alvaiade; | entre os japoneses honrados, quando os meninos até dez anos vão fora, também levam alguns maquiagem.
 24. Entre nós os meninos têm as mangas estreitas e fachadas pelos ombros; | os do Japão as trazem muito largas atravessadas por debaixo dos braços.

Capítulo 4º

DO QUE TOCA AOS BONZOS E A SEUS COSTUMES

1. Os homens se metem entre nós em religião para fazer penitência e se salvarem; | os bonzos entram na religião para viver em delícias e descanso e fugir aos trabalhos.
2. Entre nós se professa logo limpeza da alma e castidade no corpo; | os bonzos toda a sujidade interior e todos os pecados nefandos da carne.
3. Entre nós se promete a Deus voto de pobreza e se foge das riquezas do mundo; | os bonzos esfolam os *danas* e buscam mil modos para enriquecer.
4. Entre nós se professa e faz voto de obediência ao superior; | os bonzos cada um faz o que quer e, *per accidens*, no que lhe vem à vontade, obedecem ao prelado.
5. Os bens temporais da religião entre nós são comuns; | os bonzos todos têm suas propriedades e ganham para adquirir.
6. Entre nós os fregueses todos são de uma paróquia e não de clérigos particulares; | os bonzos os têm repartidos entre si, para cada um comer dos que tiver encarregados.
7. Entre nós os religiosos repreendem os pecados do povo sem usar de respeitos humanos; | os bonzos granjeiam os *dannas*³⁷ e lhes louvam os pecados, para que lhe não tirem a renda.
8. Os religiosos entre nós, por desprezo do mundo, não usam de vestidos de seda; | os bonzos todos os que podem andam vestidos de seda para maior



- soberba e ostentação no mundo.
9. Entre nós os bonzos religiosos repugnam e temem muito subir a dignidade e honras; | os bonzos no Japão custam-lhes muito dinheiro e todos morrem por subir a elas.
 10. Os nossos religiosos sempre desejam a paz e lhe pesam sumamente as guerras; | os *nengoros*³⁸ professam guerra e são alugados dos senhores para irem pelejar nas batalhas.
 11. Entre nós o que se promete a Deus se trabalha de guardar inteiramente; | os bonzos no de fora professam não comer carne nem peixe, mas oculta-mente quase todos o comem, senão por temor de serem vistos ou por não poderem.
 12. Os religiosos entre nós por nenhum caso andam em recados de príncipes nem senhores; | os *Tonos*³⁹ no Japão se servem dos bonzos para recados e *buriaqos*⁴⁰ da guerra.
 13. Entre nós casar-se um religioso é ficar apóstata; | os bonzos, como se enfadam da religião, ou se casam ou se fazem soldados.
 14. Nas nossas religiões não há sucessão por herança mas por eleição e virtude; | entre os bonzos herda o discípulo que o superior cria de pequeno para lhe suceder.
 15. Entre nós entram na religião por devoção e movimento interior da virtude; | os bonzos entram para herdarem uns aos outros o fato e terem a glória neste mundo.
 16. Os nossos religiosos fazem a principal força na pureza e limpeza interior; | os bonzos são limpíssimos nas casas, *nivas*⁴¹ e templos, e abomináveis nas almas.
 17. Entre os nossos se foge muito ao fingimento, hipocrisia e adulação; | os bonzos do Japão disto vivem, e o tem por meio mais poderoso para viver.
 18. Os nossos religiosos trazem a barba raspada e a coroa feita; | os bonzos raspam a cabeça e barba a cada quatro dias.
 19. Entre nós trazem os religiosos capelos ou barretes; | os bonzos o mais do tempo andam sem nada na cabeça, e pelo frio usam de barretes como bolsa, ou de *vataboxis* e outros um capelo como pescoço e cabeça de ca-



valo como orelhas.

20. Os nossos religiosos estimam em muito a honestidade e bom exemplo; | os bonzos andam sempre em pernas nuas e pelo verão com *catabiras* tão ralas que lhes aparece tudo quanto têm, sem disso terem nenhum pejo ou vergonha.
21. Os nossos religiosos têm muita sobriedade e temperança no beber, *maxi-me* vinho; | aos bonzos, com lhes ser proibido, muitas vezes [se acham?] por esses caminhos bêbados.
22. Os nossos religiosos não costumam cantar, nem tanger em autos e farsas profanas; | os bonzos têm por isto costume e nelas se costumam recrear.
23. Nós temos por fé a glória e pena futura e imortalidade da alma; | os bonzos *Jenxus* negam tudo isto e que não há mais que nascer e morrer.
24. Nós professamos um só Deus, uma fé, um batismo e uma Igreja Católica; | no Japão há treze seitas e quase todas discrepam no culto e adoração.
25. Nós sobre todas as coisas aborrecemos e abominamos ao demônio; | os bonzos o veneram e adoram e lhe fazem templos e grandes sacrifícios.
26. Entre nós o templo e as oficinas do mosteiro são da Religião universal; | no Japão se um bonzo ali se enfada, vende o templo e as oficinas e [tudo (?)].
27. Os nossos sacerdotes usam da estola para ministrar sacramentos; | os bonzos usam dela por honra quando vão fora a suas visitas.
28. Os nossos sacerdotes a trazem deitada ao pescoço; | os bonzos como tira-colo, mais larga e feita doutra feição.
29. Os nossos religiosos, se sabem curar, curam grátis pelo amor de Deus; | os mais dos médicos de Japão são bonzos que vivem de seu estipêndio.
30. Os nossos religiosos se andassem com abanos dourados na mão tê-los-iam por doidos; | os bonzos, por honra, quando pregam e vão fora, hão de levar um abano dourado na mão.
31. Nós pregamos em pé e fazemos as ações com o movimento das mãos; | os bonzos pregam sentados e as ações, sem bulirem com as mãos, as fazem com a cabeça.
32. Nós pregamos com sobrepeliz branca na Europa sem estola; | os bonzos



- com *coromo*⁴² preto e estola, e abano dourado na mão.
33. Nós pregamos em púlpitos; | e os bonzos em cadeiras como dos nossos lentes.
 34. Nós damos aos próximos contas bentas e relíquias de santos de graça; | os bonzos grande número e diversidade de nominas escritas em papel por muito bom dinheiro.
 35. Os frades de S. Francisco dão grátis o hábito da sua Ordem a alguns defuntos; | os bonzos fazem tomar em vida aos homens e mulheres umas *catabiras* de papel com *foqeqio*⁴³ escrito nelas para levarem vestidos quando morrerem e os bonzos ganharem com isso prêmio.
 36. Os nossos sacerdotes fazem os velórios dos defuntos nas igrejas; | os bonzos em casa dos defuntos grande número de vezes para comerem e beberem ali.
 37. Para os nossos religiosos a cor amarela é indecente; | os bonzos a tem por honesta e folgam de se vestir de amarelo ou de verde.
 38. Entre nós não se tem ódio umas religiões às outras; | os bonzos entre si, para seu *yxei*⁴⁴ e proveito, aborrecem as outras seitas.
 39. Os feiticeiros entre nós são punidos e castigados; | os bonzos *Ycoxos* e *Yamabuxis* folgam com eles por serem feiticeiros.
 40. Os *tabis* dos seculares ou são pretos ou almecegados; | os dos bonzos e das fidalgas nobres são brancos feitos de canga.
 41. Na Europa, quando morrem os senhores os criados chorando os acompanham até a cova; | no Japão alguns cortam a barriga e muitos as cabeças dos dedos e os jogam ao fogo, onde os queimam.
 42. Na Europa os cristãos batendo nos peitos pedimos a Deus misericórdia; | no Japão os gentios esfregam as contas muito rijo nas palmas das mãos.

Capítulo 5º

DOS TEMPLOS, IMAGENS E COISAS QUE TOCAM AO CULTO DE SUA RELIGIÃO

1. As nossas igrejas são compridas e estreitas; | os tempos do Japão largos e



- curtos.
2. As nossas têm coros altos e bancos ou cadeiras em que se sentam; | os bonzos rezam diante do seu altar assentados nos *tatamis*.
 3. Nós temos os livros postos em estante para todos ali cantarem juntos; | os bonzos cada um diante de si um banquinho e cada um seu livro.
 4. Os nossos livros são dobrados e fechados com brochas; | os dos bonzos enrolados e atados com uma fita.
 5. As nossas imagens pela maior parte são de retábulos pintados; | nas varelas dos bonzos todas as imagens são esculturas.
 6. Nós usamos nas imagens de diversas pinturas; | eles douram as suas todas de alto a baixo.
 7. As nossas são proporcionadas todas à estatura dos homens; | algumas das suas tão grandes que parecem gigantes.
 8. As nossas são formosas e provocam a devoção; | as suas horrendas e temerosas com figuras de diabos abrasados em fogos.
 9. Nós temos os sinos em torres muito altas; | eles em baixo muito perto do chão, que lhe chegam com a mão.
 10. Os nossos sinos se dobram e têm o badalo da banda de dentro; | os do Japão estão sem se moverem, e tangem-nos de fora golpeando-os com uma barra.
 11. Os nossos sinos se repicam pelas festas e isto muitas vezes; | os seus nunca se repicam porque não têm badalos.
 12. Nos nossos mosteiros há relógios de ferro; | os relógios do Japão são somente de água.
 13. Nós temos entre noite e dia vinte e quatro horas; | os japoneses seis horas de noite e seis de dia somente.
 14. Nós contamos as horas de uma, duas três, até doze; | os japoneses as contam desta maneira: seis, cinco, quatro, nove, oito, sete, seis, etc.
 15. Nós ornamos as igrejas com ramos e as juncamos com junco ou espadana; | os japoneses zombam disso, dizendo que fazemos das igrejas matos ou hortas.
 16. As nossas candeias são grossas no pé e delgadas em cima; | as dos japo-



- neses grossas em cima e delgadas no pé.
17. As nossas têm pavios de fiado; | as suas de madeira e miolo de junco.
 18. Nós rezamos empurrando as contas para frente; | eles sempre as empurrando para trás enquanto oram.
 19. Os nossos defuntos vão com seus cabelos assim como morrem; | os do Japão assim homens como mulheres hão de ir raspados.
 20. A nossa tumba é comprida; | e a sua redonda, *id est*, uma meia pipa.
 21. Os nossos defuntos vão deitados com o rosto para cima; | os seus vão sentados e amarrados com o rosto metido entre os joelhos.
 22. Nós enterramos nossos defuntos; | os japoneses na maior parte das vezes os queimam.
 23. Nós temos nossas imagens e imagens devocionais dentro dos quartos; | os japoneses as têm pregadas nas portas do lado de fora da rua.
 24. Entre nós encerram-se as visitas dos parentes depois das exéquias do defunto; | os japoneses depois de o ter enterrado dão um banquete aos bonzos e aos que o acompanharam.
 25. Entre nós se tem por apóstata e renegado o que muda a fé; | no Japão se troca a seita cada vez que se quer sem nenhuma infâmia.
 26. O nosso batismo é com muitas cerimônias e solenidades; | no Japão basta pôr um livro na cabeça para ficar daquela seita.
 27. Nós pedimos a um só Deus todo poderoso os bens desta vida e da outra; | os japoneses pedem aos *camis*⁴⁵ os bens temporais e aos *fotoques*⁴⁶ a salvação somente.⁴⁷
 28. As nossas imagens se pintam em madeira; | e eles as suas em papel enrolado.
 29. Entre nós às vezes vale muito um retábulo pintado a óleo; | no Japão não se usam óleos, e vale às vezes muitos mil cruzados uma figura em tinta preta.
 30. Os nossos prelados andam em mulas; | os prelados do Japão em andas.



Capítulo 6º

DO MODO DO COMER E BEBER DOS JAPONESES

1. Nós comemos todas as coisas com a mão; | os japoneses, homens e mulheres, desde crianças, comem com dois paus.
2. O nosso comer ordinário é pão de trigo; | o dos japoneses arroz cozido sem sal.
3. As nossas mesas estão postas antes que a comida seja servida; | as suas vêm juntamente com o comer da cozinha.
4. As nossas mesas são altas e têm suas toalhas e guardanapos; | as dos japoneses tabuleiros *vruxados*, quadrados, rasos, sem guardanapo nem toalha.
5. Nós nos sentamos em cadeiras para comer com as pernas estendidas; | eles sobre os *tatamis* ou no chão com as pernas cruzadas.
6. As suas refeições vêm juntas ou em três mesas; | as nossas iguarias vêm sucessivamente.
7. Nós podemos muito bem comer sem caldo; | os japoneses não podem comer sem *xiru*⁴⁸.
8. A nossa baixela é de prata ou estanho; | a dos japoneses feita de madeira *vruxada*, vermelha ou preta.
9. Nós usamos de panelas e tigelas de barro para se fazer a comida; | os japoneses de tachos e vasos de ferro coado.
10. Nós pomos a trempe com os pés para baixo; | os japoneses com os pés para cima⁴⁹.
11. Os homens na Europa comem ordinariamente com suas mulheres; | no Japão é coisa muito rara, porque também as mesas são divididas.
12. A gente da Europa se deleita com peixe assado e cozido; | os japoneses folgam muito mais de o comer cru.
13. Entre nós se comem todas as frutas maduras, e somente os pepinos verdes; | os japoneses todas as frutas verdes, e os pepinos somente muito amarelos e maduros.



14. Nós cortamos o melão longitudinalmente; | os japoneses o cortam transversalmente.
15. Nós cheiramos o melão pela cabeça; | eles pelo pé.
16. Nós o comemos, e depois lhe jogamos a casca fora; | eles o aparam e lhe tiram primeiro a casca fora antes de o comer.
17. Nós colhemos algas marinhas para temperar a comida; | eles as colhem para as salgar.
18. Todas as nossas iguarias vão cobertas, somente o pão descoberto; | as dos japoneses pelo contrário, somente o arroz coberto.
19. Tanto na Europa são as pessoas amigas de doce; | quanto os japoneses o são de salgado.
20. Entre nós os pajens retiram as mesas; | no Japão os mesmos fidalgos que comem retiram muitas vezes as suas.
21. Nós lavamos as mãos no princípio e fim da refeição; | os japoneses, como não põem as mãos na comida, não têm necessidade de as lavar.
22. Nós comemos a aletria quente e cortada; | eles a metem em água fria e a comem muito comprida.
23. Nós a comemos com açúcar, ovos e canela; | eles a comem com mostarda e pimenta.
24. Os da Europa folgam com as galinhas, perdizes, pastéis e manjar branco; | os japoneses com chacais, grou, macacos, gatos e algas de praia cruas.
25. Nós comemos as trutas assadas brandamente ou cozidas; | eles as espetam em paus e põem a assar até ficarem torradas.
26. Entre nós se esfria o vinho; | no Japão, para se beber, quase todo ano se o esquentam.
27. O nosso vinho é de uvas; | o seu é todo de arroz.
28. Nós bebemos com uma mão; | eles sempre bebem com duas.
29. Nós, quando bebemos, estamos sentados em cadeiras; | eles postos de joelhos.
30. Entre nós se bebe por copos de prata ou vidro ou porcelana; | os japoneses por *sacanzuqui* de madeira, ou *cavaraque*⁵⁰ de barro.
31. Entre nós não bebe cada um mais que aquilo que quer, sem persuasão



- dos outros; | no Japão se importunam tanto, que a uns fazem arrevesar e a outros embebedar-se.
32. Entre nós beber pela tigela de caldo, de peixe ou carne, se teria por nojo; | no Japão é muito usado despejar o *xiru goqi* e beber por ela.
 33. Entre nós a água que se bebe durante o dia há de ser fria e clara; | a dos japoneses há de ser quente e há de levar pós de chá batidos com uma escova de cana.
 34. Entre nós o arroz queimado do fundo do tacho se joga fora ou se dá aos cães; | no Japão é fruta de sobremesa ou se joga na água quente que se bebe no final da refeição.
 35. Entre nós logo depois do princípio se começa a beber; | entre os japoneses, quase ao fim da refeição então começa a vir o vinho.
 36. Entre nós na porcelana em que se comeu caldo ou arroz não se bebe por ela sem a lavar; | os japoneses, jogando *xiru* no *goqi*⁵¹ do arroz, bebem depois a água quente por ele.
 37. As nossas penas para os dentes são muito curtas; | os paus para os dentes dos japoneses passam às vezes de um palmo.
 38. Entre nós é grande injúria e descrédito embebedar-se um homem; | no Japão se prezam disso, e perguntando: “Que faz o *Tono*?” dizem: “Está bêbado”.
 39. Nós estimamos coisas de leite, queijo e manteiga e tutanos; | os japoneses abominam tudo isto e cheiram-lhe muito mal.
 40. Nós temperamos a comida com diversos temperos; | os japoneses com missô, que é arroz e grãos podres misturados com sal.
 41. Nós fugimos de cães e comemos vaca; | eles fogem da vaca e comem lindamente os cães por mezinha.
 42. Entre nós as tripas podres do peixe se têm por abominação; | os japoneses usam delas por *sacana*⁵² e folgam muito com elas.
 43. Entre nós mastigar muito alto a comida e escorropichar o vinho é tido por sujidade; | os japoneses entre si uma e outra coisa as têm por primor.
 44. Nós louvamos o vinho dos anfitriões com lhes mostrar gracioso e alegre rosto; | os japoneses o louvam mostrando tão ruim cara que parece que



- choram.
45. Nas nossas refeições fala-se, mas não se canta nem dança; | os japoneses mal falam até o final da refeição, mas quando se aquecem, eles cantam e dançam.
 46. Entre nós o convidado vai dar graças ao que o convidou; | no Japão o que convidou vai dar graças ao convidado.
 47. Entre nós é estimado o peixe frito; | eles dele não gostam e folgam com algas fritas do mar.
 48. O pescar entre nós o tem as pessoas honradas por desenfadamento; | no Japão se tem por coisa baixa e obra de gente vil.
 49. A diligência que nós pomos em limpar os dentes depois de comer, | dessa usam os japoneses pela manhã de os limparem antes de lavar o rosto.
 50. Entre nós os animais comem as folhas das ervas e deixam as raízes; | no Japão alguns meses do ano a gente pobre come as raízes e deixa as folhas.
 51. Entre nós comer ou mandar presentes de carne ou peixe podre seria afronta; | no Japão se come e, assim fedendo, se manda sem pejo.
 52. Na Europa seria baixeza vender um cidadão honrado vinho atavernado em sua casa; | no Japão o vendem e medem por isto os cidadãos muito honrados.
 53. Na Europa folgam de criar galinhas, adens [coelhos e patos?] etc.; | os japoneses com nada disto folgam, somente com galos para os meninos folgarem.
 54. Na Europa a casca do pastel é de massa; | no Japão se tira o âmago da laranja e com a casca o que lhe metem dentro vira pastel.
 55. Na Europa se come o porco do mato cozido; | os japoneses o comem cru em talhadas.
 56. Entre nós não é ruim quando falta sal na comida; | os japoneses se carecem de sal incham ou adoecem.
 57. Nós ordinariamente temos o seu *xiro* por salgado; | e eles o nosso caldo por insosso.
 58. Em Portugal se come arroz cozido sem sal por mzinha para estancar a di-



- arreia; | para os japoneses o arroz cozido sem sal é seu contínuo mantimento como entre nós o pão.
59. Entre nós as tainhas são estimadas; | no Japão lhe têm asco e são para gente baixa.
60. Entre nós dar arrotos à mesa diante dos comensais se tem por mau hábito; | no Japão é muito corrente e nenhum caso fazem disso.

Capítulo 7º

DAS ARMAS OFENSIVAS E DEFENSIVAS DOS JAPONESES – & DA GUERRA –

1. Nós usamos de espadas; | e os japoneses de traçados (bastão de lâmina larga com ponta).
2. O nosso punho é quanto cabe a mão; | o seu passa de um palmo, e às vezes de três.
3. Os nossos trazem a espata em talabartes; | eles em um ganchinho na cinta.
4. Os nossos trazem a espada de uma banda e a adaga na outra; | os japoneses trazem a espada e adaga sempre na parte esquerda.
5. As nossas adagas são curtas; | algumas das suas são maiores que meia *catana*.
6. Nas nossas espadas se penduram as luvas; | e eles um cordão que não serve de nada.
7. A gente da Europa costuma usar armas de ponta; | os japoneses por nenhum caso.
8. Entre nós se dão aos senhores de presente espadas de muito bom ferro; | no Japão lhe oferecem espadas de madeira com talabartes de pano.
9. Nas nossas bainhas não se mete mais que a espada; | nas dos japoneses de uma parte a faca e da outra o *congay*⁵³ que não serve de nada.
10. As nossas espadas, ainda que sejam novas, se são muito boas, valem muito; | as do Japão, ainda que novas, não têm valia, e as muito velhas são de preço.



11. Entre nós, quando muito, não se usa de trazer mais que uma espada e adaga; | os japoneses às vezes duas *catanas* e um *vaqizaxi*⁵⁴ na cinta.
12. As nossas facas ordinariamente têm as hastes de madeira; | as do Japão têm um punho de cobre ou de outro metal.
13. Nós cortamos com a faca ou para dentro ou da parte esquerda para a direita; | os japoneses cortam sempre para frente.
14. As nossas contas para rezar se fazem sempre em torno e as cruzes também; | os japoneses muitas vezes os fazem com a faca tão bem feitas como em torno.
15. Nós cortamos pela maior parte as unhas com tesouras; | os japoneses as cortam sempre com faca.
16. As folhas e ramos que tomamos das árvores para enramar os presentes, | fazem os japoneses artificiais com suas *congatanas*⁵⁵.
17. As nossas lanças têm os ferros compridos e largos; | e as suas curtos e estreitos.
18. As nossas são lisas com a cor própria da madeira; | as suas ou são *vruxadas* ou algumas delas douradas nas hastes.
19. Nós usamos de alabardas; | eles de *nanguinatas*⁵⁶ que são da feição de foices.
20. Nós usamos de bombardas; | eles as não têm, mas usam de espingardas.
21. Nós trazemos os *polvarinho*⁵⁷ a tiracolo; | eles ao pescoço como relicário.
22. Os nossos arcos são medianos e de madeira; | os seus muito grandes e feitos de bambu.
23. As nossas flechas são de madeira; | as suas também de bambu.
24. Entre nós se lançam as flechas estando vestido aquele que as atira; | no Japão quem atira com arco há de despir meio quimono para ficar com um braço nu.
25. Entre nós se atira com arco sem fazer nenhum rugido com a boca; | os japoneses em lançando a flecha hão de dar um grande grito.
26. Entre nós se usa de escudos de rodela douradas e adagas de couro; | os japoneses em lugar disto usam de um pedaço de tábua rasa como uma porta.



27. As nossas armas são muito pesadas; | as dos japoneses muito leves.
28. As nossas armas brancas são todas de aço; | as suas feitas de lâminas de chifre ou de couro tecidas com cordas.
29. As nossas plumas dos elmos são brancas ou pardas e muito bonitas; | as dos japoneses são de penas de galo das mais compridas do rabo.
30. Os nossos levam viseiras; | os japoneses meia cara de diabo no rosto.
31. Os nossos capacetes são redondos; | os seus têm orelhas e pescoços de lâminas.
32. Entre nós, para aquele que se arma, há de vestir debaixo um pano grosso; | os japoneses, quando vestem as armas, despem-se nus como suas mães os pariram.
33. Entre nós não ir todo armado parece que não vai à guerra; | no Japão basta pôr um colarinho no pescoço para se dizer que vai armado.
34. Entre nós se tange na guerra pífaro e tambor ou trombetas reais; | os japoneses não têm mais que uns búzios rouquinhos que soam muito mal.
35. Entre nós se levam as bandeiras do campo nas mãos, quadradas; | os japoneses levam cada um a sua, metidas nas costas em um bambu muito comprido.
36. Entre nós há sargentos, cabos, decuriões e centuriões; | os japoneses totalmente não se importam com tudo isso.
37. Entre nós se peleja a cavalo; | os japoneses se apeiam quando hão de pelejar.
38. Os nossos reis e capitães pagam soldo aos soldados; | no Japão cada um há de comer, beber e vestir à sua custa enquanto anda na guerra.
39. Entre nós se peleja para tomar lugares, cidades e vilas e suas riquezas; | a peleja quase sempre no Japão é para se tomar o trigo, arroz e cevada.
40. Entre nós, cavalos, dromedários, camelos, etc., levam as bagagens aos soldados; | no Japão os *fiayos*⁵⁸ de cada um lhe levam sua bagagem e mantimento nas costas.
41. Entre nós se tem por pecado gravíssimo matar-se um a si mesmo; | os japoneses na guerra, quando não podem mais, cortar-se na própria barriga é grande valentia.



42. Entre nós a traição é coisa rara e muito estranha; | no Japão é tão comum que já quase nada se estranha.
43. Entre nós é sumo vitupério ser algoz; | no Japão, matar por justiça qualquer fidalgo o faz e se preza disso.
44. As *cambalas* que na Índia servem a gentios e mouros de abanos; | os japoneses usam delas para cabeleiras ao redor dos capacetes.
45. As nossas navalhas são grossas e rasas; | as suas delgadas e curvas de um lado.
46. As nossas se amolam com azeite em pedra dura; | os japoneses amolam as suas em pedra mole e com água.
47. Entre nós somente os barbeiros raspam; | no Japão quase todos o sabem fazer.
48. Entre nós se um não for ao barbeiro não pode raspar a barba; | muitos bonzos e seculares raspam a barba e cabeça por si mesmos.
49. Entre nós os soldados trazem o **estopim**⁵⁹ no braço esquerdo; | os japoneses no braço direito.
50. Os nossos estopins são de fios; | o seu de papel ou cascas de bambu.
51. Entre nós esgrime-se sem falar; | os japoneses a cada ataque ou defesa dão de dar um grito.
52. Os nossos soldados na Suíça disparam as espingardas apoiadas no ombro; | os japoneses a põem no rosto como quem aponta a inimigos.

Capítulo 8º

DO QUE TOCA AOS CAVALOS

1. Os nossos cavalos são muito bonitos; | os do Japão lhes são muito inferiores.
2. Os nossos correndo param à risca; | os seus são muito desenfreados.
3. Os nossos consentem que os cavalguemos nas garupas; | os do Japão não o tem por costume.
4. Dos nossos vai um a par do outro passeando; | os do Japão sempre um



- atrás do outro.
5. Aos nossos se lhes aumenta o rabo como enfeite; | aos seus lhes atam com nós o rabo.
 6. Quanto mais longa a juba dos nossos cavalos, mais bonitas; | as do Japão lhe cortam as jubas e no que fica lhe vão atando de lugar em lugar umas palhas de trigo para mais *yxei*⁶⁰ do cavalo.
 7. Os nossos cavalos todos se ferram com cravos e ferraduras; | os do Japão a nenhum, antes lhes calçam sapatos de palha que duram meia légua.
 8. Entre nós leva o moço de esporas e cabresto diante; | no Japão, segundo os caminhos são, vão carregados de sapatos de palha para o cavalo.
 9. Entre nós o feio tem sua lingueta e argolinhas para dentro da boca; | no Japão não têm mais que um ferro atravessado na boca.
 10. Nós cavalgamos com o pé esquerdo; | os japoneses com o direito.
 11. As nossas rédeas são de couro muito bem feitas; | as suas são de uma tira de pano pintada e enrolada.
 12. Nós temos sela e estribos à vontade; | no Japão se cavalga apenas com estribos curtos.
 13. Os nossos estribos são de ferro, abertos por diante; | os seus de madeira, fechados por diante, muito compridos, como sapatos de mouro.
 14. Nós usamos esporas; | eles não, somente de vara, que é de bambu de nós muito curtos.
 15. Nossa sela é toda fechada na frente; | as do Japão têm um buraco para de segurarem nele.
 16. Entre nós se usa de correias cruzadas, cobertores e botões dourados; | os japoneses não os têm, somente usam de cobertores de pele de tigre para fora.
 17. As nossas selas têm couro e lã; | as suas, madeira e *vruxi*.
 18. As nossas estrebarias se põem sempre detrás ou debaixo das casas; | as do Japão se fazem na frente das casas.
 19. As casas dos senhores na Europa se agasalham primeiro os hóspedes nas salas; | no Japão o primeiro recebimento é nas estrebarias.
 20. Os nossos se alimentam com almofaças; | os seus com a mão ou com



umas cordas.

21. Os nossos têm manjedouras; | os do Japão comem em selhas.
22. Os nossos nas estrebarias dos senhores deitam-se muitas vezes; | os do Japão estão quase sempre de noite e de dia atados pela barriga amarrados.
23. As nossas estrebarias se fazem no chão; | as suas hão de ter sobrado de tábuas.
24. Os cavalos da Europa urinam no chão nas estrebarias; | os cavalos no Japão urinam em *fixaques* compridos.
25. Entre nós há mulos e mulas, zebras, asnos e azêmolos; | no Japão não há nenhuma coisa dessas.
26. Entre nós as mulas somente trazem cobertores de pano compridos; | os cavalos de fidalgos no Japão os trazem de couro redondos e outros de palha.
27. Entre nós seria coisa ridícula ir um fidalgo com o cabresto no cavalo e corda na mão; | no reino de Bungo, os filhos do rei andam muitas vezes desta maneira.
28. Entre nós, quando se corre ou cavalga, se leva a rédea em uma só mão; | no Japão se há de levar em ambas as suas.
29. Os cavalos entre nós se sangram somente; | no Japão se sangram muitas vezes e lhes põem grandes botões de fogo debaixo dos queixos.
30. Na Europa de afrouxam as rédeas do cavalo para correr e as apertam para parar; | no Japão se afrouxam para parar e as apertam para correr.
31. Entre nós se lavram as terras somente com bois; | no Japão com bois ou cavalos.
32. As albardas da Europa são de pano e palha; | as do Japão são de madeira.
33. Entre nós não se leva carga sem atafal; | em Yechijen não se o utiliza.
34. Entre nós os cavalos de carga levam chocalhos ou cascavéis; | no Japão levam soalhas como de pandeiros.
35. Entre nós os touros são bravos e grandes; | no Japão pequenos e mansos.
36. Na Europa os almocreves não carregam nada e guiam os animais; | os almocreves do Japão, por terem pena dos animais, levam às vezes um terço da



carga às costas.

37. Na Europa, se coloca a carga que se carrega nos animais após uma estimativa de olho; | em muitos reinos do Japão não o querem levar senão a peso.

38. Entre nós um cavalo sem sela leva-o um homem pelo cabresto; | no Japão os cavalos dos *Tonos*, ainda que sejam muito mansos, hão de os levar um homem com uma corda por diante e outro com outra corda por detrás, como touro em cordas.

39. As silhas dos nossos cavalos se apertam a uma ilharga debaixo da sela; | as do Japão se atam em cima do arco dianteiro da sela.

Capítulo 9º

DAS DOENÇAS, MÉDICOS E MEZINHAS

1. Entre nós, escrófulas, dor de pedra, dor no pé e peste são coisas frequentes; | todas estas doenças no Japão são raras.
2. Nós usamos de sangrias; | os japoneses de botões de fogo com ervas.
3. Os homens entre nós costumam se sangrar nos braços; | os japoneses com sanguessugas ou com a faca na cabeça, e os cavalos com lancetas.
4. Nós usamos enemas e injeções; | eles por nenhum caso usam estas técnicas.
5. Entre nós receitam os médicos para as boticas; | os médicos do Japão mandam as mezinhas de sua casa.
6. Os nossos médicos tomam o pulso a homens e mulheres primeiro no braço direito, depois no esquerdo; | os japoneses aos homens primeiro no esquerdo e às mulheres primeiro no direito.
7. Os nossos médicos veem as urinas para terem mais informações acerca das doenças; | os japoneses por nenhum caso as veem.
8. A carnadura dos europeus, por ser muito delicada, vai sarando muito devagar; | a dos japoneses, por ser robusta, de graves feridas, quebrasuras, apostemas e desastres, sara muito melhor e mais depressa.
9. Entre nós se cosem as feridas; | os japoneses lhes põem um pouco de pa-



pel grudado.

10. Toda a cura que fazemos com panos, | fazem os japoneses com papeis.

11. Entre nós queimam-se os abscessos com fogo; | os japoneses antes morrerão que usar dos nossos remédios ásperos da cirurgia.

12. Aos nossos doentes, se têm fastio, trabalha-se com eles para que comam por força; | os japoneses o tem por crueza, e se o doente tem fastio deixam-no assim morrer.

13. Os nossos doentes estão em catres ou leitos com lençóis, colchões e travesseiros; | os japoneses sobre uma esteira no chão com uma almofada de madeira e o próprio quimono como cobertor.

14. Na Europa se tem as galinhas e frangos por mezinha para os doentes; | os japoneses têm isto por peçonha e mandam-lhes dar peixe e rabanete salgado.

15. Nós tiramos os dentes com boticão, pinça dentária, bico de papagaio, etc.; | os japoneses com um cinzel e um malho, ou com um arco e uma flecha atada ao dente ou com alicates de ferreiro.

16. As nossas especiarias e mezinhas se moem em moedor e almofariz; | no Japão se moem em uma naveta de cobre com uma roda de ferro entre ambas as mãos.

17. Entre nós se usa das pérolas de aljofre para ornamento das pessoas; | no Japão não servem mais do que para se moer e fazer mezinhas.

18. Entre nós, se um médico não passar por exame, ele será punido e não será socialmente reconhecido com capacidade de praticar a cura; | no Japão, para ganhar a vida, quem quer usa de ser médico.

19. Entre nós, adoecer um homem de uma doença venérea sempre é coisa suja e vergonhosa; | os japoneses homens e mulheres o tem por coisa corrente e nada se envergonham disso.

Capítulo 10º

DO ESCREVER DOS JAPONESES E DE SEUS LIVROS, PAPEL, TINTA E CARTAS

1. Nós escrevemos com vinte e duas letras; | eles com 48 no abc de *cana* e



- com infinitos caracteres em diversas letras.
2. Nós estudamos diversas artes e ciências por nossos livros; | eles toda a vida gastam em conhecer o coração dos caracteres.
 3. Nós escrevemos na horizontal, da mão esquerda para a direita; | eles na vertical, e sempre da mão direita para a esquerda.
 4. Onde as derradeiras folhas dos nossos livros se acabam, | ali começam os seus.
 5. Nós temos a impressão por coisa singular; | eles quase em tudo usam da escritura da mão, porque a sua impressão não presta.
 6. Nós escrevemos com penas de pato ou de aves; | eles com pincéis de pintores feitos de pelos de lebre e o cabo de bambu.
 7. A nossa tinta é líquida; | a deles é em pauzinhos que são moídos quando se quer escrever.
 8. Os nossos tinteiros são de chifres, redondos; | os seus de pedra comprida.
 9. Os nossos tinteiros têm tampas e poidouros; | os do Japão nada disto.
 10. O nosso papel é de quatro ou cinco tipos somente; | o de Japão passa de cinquenta.
 11. Nós nas escrituras públicas somente usamos do sinal de tabelião público; | os japoneses, além do nome, cada um faz seu particular sinal em suas cartas.
 12. Entre nós o sinal do tabelião público nunca se muda; | no Japão se mudam estes sinais sempre que se quer.
 13. Entre nós todo papel se faz de pedaços de pano velhos; | no Japão todo se faz de cascas de árvores.
 14. As nossas cartas não podem manifestar os conceitos senão por descrição detalhada; | as do Japão são brevíssimas e muito ricas em conteúdo.
 15. Entre nós escrever nas entrelinhas seria má educação; | nas cartas do Japão se escreve *vaza to* sempre entre as linhas.
 16. Entre nós se põe a era em que se escreve; | os japoneses somente o dia da lua em que se manda.
 17. A era dos cristãos nunca se altera do nascimento de Cristo até o fim do mundo; | a era do Japão se muda seis ou sete vezes na vida de um rei.



18. As nossas cartas são seladas com cera ou verniz; | nas do Japão se põe uma pequena quantidade de tinta sobre a cha[ncela?].
19. As nossas se mandam feitas em maços; | as suas metidas em umas caixinhas compridas e *vruxadas* feitas para aquilo.
20. Na Europa o papel é esbofeteado sobre uma superfície plana com um mangual de ferro sobre pedra lisa; | no Japão o enrolam em um pau redondo e ali o batem com outros dois paus.
21. Nós limpamos as penas da tinta nos vestidos pretos; | os japoneses as limpam chupando-as com a boca.
22. Nós escrevemos nossas cartas sobre mesas ou tábuas; | os japoneses as escrevem sobre os dedos da mão esquerda.
23. Nós fechamos [abrimos?] nossas cartas com tesouras; | eles as fecham [abrem?] com facas.
24. Nós colocamos areia em nosso papel; | no seu papel logo a tinta some.
25. A nossa letra é muito pequenina; | a letra deles é maior que a nossa maiúscula.
26. A conteúdo dos nossos versos se inclui em 4, 6 ou 8 linhas; | todas as cantigas do Japão se incluem em dois versos sem rima.
27. A nossa leitura é muito rápida; | a sua lentamente e em pequenos saltos.
28. Nós escrevemos em mesas altas, sentados em cadeiras; | eles em banquinhos baixos sentados no chão ou sobre os *tatamis*.
29. Na Europa encadernam os livros cosendo o papel pelas bordas; | no Japão cosem-nos pelas bordas abertas e as dobras ficam soltas.

Capítulo 11º

DAS CASAS, EDIFÍCIOS, JARDINS E FRUTAS

1. As nossas casas são altas e de muitos sobrados; | as do Japão pela maior parte baixas e térreas.
2. As nossas de pedra e cal; | as suas de madeira, bambu, palha e terra.
3. As nossas têm alicerces fundos debaixo da terra; | as do Japão uma só pe-



- dra debaixo de cada *faxira* e estas em cima da terra.
4. As nossas portas se movem principalmente em dobradiças; | as do Japão quase todas são corrediças sobre *xiqis*.
 5. As nossas paredes são de pedra e cal ou tijolo; | as do Japão de portas de papel.
 6. Os nossos telhados são de telha; | os do Japão na maioria das vezes de tá-bua, palha ou bambus.
 7. As nossas câmaras de madeira finamente trabalhada e polida; | as suas de *chanoyu* com a madeira assim como vem do mato, para imitar a natureza.
 8. As nossas câmaras têm geralmente janelas com muita claridade; os *xari-qis* de *chanoyu* são sem janelas e escuros.
 9. Nós fazemos tesouro de pedraria e peças de ouro e prata; | os japoneses, de caldeirões velhos, porcelanas velhas e quebradas, vasos de barro, etc.
 10. As nossas [casas?] se ornaram com tapeçaria, papel de parede de couro dourado e panos de Flandres; | as do Japão com biombos de papel dourados ou de tinta preta.
 11. As nossas se ornaram com alcatifas e tapetes; | as suas com colchões de palha.
 12. As nossas com arcas encouradas e cofres de Flandres, ou arcas de cedro; | as do Japão com cestos pretos feitos de peles de vacas.
 13. A gente da Europa dorme no alto em leitos ou catres; | a do Japão em baixo sobre os *tatamis* com que a casa está esteirada.
 14. As nossas camas estão sempre estendidas nos leitos; | as do Japão sempre de dia enroladas e escondidas onde se não as vejam.
 15. Os nossos travesseiros são de plumagem ou algodão, moles e compridos; | os do Japão de madeira, e um somente, de comprimento de um palmo.
 16. Na Europa se usa nas camas de franjas e cortinas de damasco e seda; | no Japão durante o verão redes mosquiteiras muito finas feitas de pano ou papel.
 17. Entre nós seria baixeza varrer um fidalgo sua câmara; | os senhores japoneses o fazem e o tem entre si por primor.



18. Nós limpamos o rosto com toalhas finas; | eles com panos ásperos ou câ-nhamo.
19. As nossas latrinas hão de estar atrás das casas escondidas; | as suas na frente, patentes a todos.
20. Nós sentados, | e eles de cócoras.
21. Nós damos dinheiro a quem nos leve o excremento para fora; | no Japão o compram e dão arroz e dinheiro por ele.
22. Na Europa o excremento dos cavalos se coloca nas hortas e o da gente nos monturos; | no Japão o dos cavalos nos monturos e nas hortas o da gente.
23. Nós fechamos as arcas com fechaduras de ferro; | eles seus cestos com cordas e fitas de papel ou cadeados da China.
24. Nós usamos de escaninhos nas arcas; | e eles de gavetas nos cestos.
25. Os nossos carpinteiros trabalham em pé; | os seus em geral sempre sentados.
26. As nossas brocas perfuram os buracos com a força dos nossos braços; | as dos japoneses vão lhe sempre dando com um martelo em [volta].
27. Na Europa não se dá de comer aos carpinteiros nem a [seus] criados; | no Japão comem aonde trabalham, e [também] aos seus moços, que não fazem nada [, se dá de comer].
28. A nossa plaina é grande e carga e faz muito trabalho; | as dos japoneses parecem coisa de brinquedo.
29. Na Europa, assim que a madeira é cortada é anexada ao edifício; | no Japão se corta primeiro a madeira da casa toda e depois em pouco tempo a montam.
30. Entre nós, quando as pinturas retratam muitas pessoas, isto agrada ainda mais nossa vista; | no Japão, quanto menos figuras tanto lhe são mais aceitas.
31. Nós, de propósito, plantamos em nossos jardins árvores que deem fruto; | os japoneses estimam mais em seus jardins as que dão somente flores.
32. Nós usamos lareiras; | e os japoneses de *cotacçus* cobertos no meio da casa.



33. Na Europa se contratam os serradores e não a serra; | no Japão a serra recebe tanto salário diário quanto cada um dos serradores.
34. O gramado em nossos pátios é estimado para sobre ele se sentar a gente; | no Japão propositalmente se há de arrancar toda a grama dos terreiros.
35. Na Europa são as ruas baixas no meio para por ali correr a água; | no Japão no meio são altas, e baixas junto das casas para correr ao longo delas.
36. Na Europa se entra nas casas por terra chã; | no Japão lhe fazem pontes com alguns paus ou pedras para passagem.
37. Na Europa estão as portas das casas fronteiras para a rua; | no Japão para seu quintal ou jardim, procurando não fazer fronteira à rua.
38. Na Europa se fazem lagos quadrados e limpos de tijolos; | no Japão se fazem umas lagozinhas ou lagos com recantos e enseadas pequenas, com penedos e ilhazinhas no meio, e isto cavado no chão.
39. Entre nós se trabalha muito para que as árvores vão retas para cima; | no Japão de propósito lhe penduram pedras nos ramos para as fazer subir tortas.
40. Entre nós se lavam as mãos e o rosto em pias de prata ou porcelana; | no Japão se lava em um *taray* de madeira quando muito *vruxada*.
41. Nós derramamos água em nossas mãos pelos bicos dos jarros de modo que ela flua para fora em um fluxo leve e fino; | eles por cubos de madeira que jogam um fluxo muito grosso.
42. Na Europa estão geralmente nossos telhados limpos; | no Japão carregados de pedras e paus e bambus contra o vento.
43. Os nossos pinheiros em sua maior parte dão fruto; | no Japão, por serem muitos, dão pinhas como nozes, que não prestam.
44. As nossas cerejeiras dão mui gostosas e formosas cerejas; | as do Japão dão muito pequenas e amargas cerejas e muito formosas flores que os japoneses estimam.
45. Entre nós, quando se toma uma rosa ou cravo cheiroso, primeiro os cheiramos e depois os vemos; | os japoneses, sem terem preocupação com o cheiro, se deleitam somente com a vista.



46. Entre nós há muitas rosas, flores, cravos e ervas cheirosas e muito odoríferas; | no Japão mui poucas destas coisas têm cheiro.
47. Entre a gente da Europa são muito aceitas as águas cheirosas, como de rosas, de flor de laranjeira, etc.; | aos japoneses não lhes agrada nada nenhum cheiro destes.
48. Entre nós se estima muito o cheiro do beijoim, de boninas etc.; | os japoneses o têm por forte e não o suportam nem lhe agradam.

Capítulo 12º

DAS EMBARCAÇÕES, SEUS COSTUMES E EQUIPAMENTOS

1. Entre nós há naus, galeões, caravelas, galés, fustas, bergantins, etc.; | no Japão não há nada disto.
2. As nossas embarcações têm cavernas e coberta; | as dos japoneses não.
3. As nossas embarcações muitas se servem somente de vela; | as do Japão todas se remam.
4. As nossas se consertam por fora com alcatrão e galagala para não infiltrar água; | as do Japão com somente a boa juntura das tábuas sem outro betume.
5. As nossas pequenas são altas de popa e baixas de proa; | as dos japoneses altas de proa e baixas de popa.
6. As nossas têm velas de pano; | as suas todas velas de palha.
7. A nossa cordoalha é de linha, gamute ou cânhamo; | a sua de palha.
8. As nossas âncoras de ferro; | as suas de madeira.
9. Os nossos navios têm na proa ou esporão ou gurupés; | as *funes* do Japão são pelas proas abertas e muito pouco guerreias.
10. Os nossos marinheiros enquanto remam vão sentados e calados; | os do Japão em pé e quase sempre vão cantando.
11. Os nossos remos são todos de um pedaço madeira; | os do Japão de dois pedaços.
12. Os nossos remos têm as pás postiças e são largas; | as do Japão são da



mesma madeira e estreitas.

13. Os nossos marinheiros quando remam levantam os remos para fora da água; | os do Japão vão sempre remando por debaixo do mar.
14. Nas nossas embarcações se tem grande cuidado com o fogo; | nas do Japão, sendo tudo de palha, sobre o fogo não há nenhuma proteção.
15. Entre nós, por honra, vai sempre a gente ilustre na popa; | no Japão a gente nobre vai na proa, onde às vezes se molham.
16. As nossas embarcações têm o mastro redondo; | as *funes* quadrado.
17. As nossas embarcações nunca removem seus mastros; | os japoneses, como vão a remo, logo tiram o mastro fora.
18. As nossas têm gáveas, mezenas e traquetes; | as *funes* nada disto.
19. As nossas embarcações navegam de dia e de noite; | as do Japão ficam nos portos de noite e navegam de dia.
20. As nossas muitas vezes navegam sem se preocuparem com chuva; | as do Japão, quando o tempo não está claro, não hão de navegar.
21. Entre nós, quando se freta uma embarcação pequena, não se separa o valor em dinheiro aos marinheiros; | no Japão tanto se dá pelo frete da *funne* quanto por um marinheiro.
22. Entre nós se calcula a carga que levará o navio pelo tamanho do casco; | no Japão pelo cálculo das esteiras da vela.
23. Entre nós há carpinteiro designado para o navio; | os japoneses oficiais da *funne* quase todos são carpinteiros.
24. Entre nós quem leva a carga no navio deixa o proprietário, que permanece em terra, com um certificado; | no Japão, a pessoa que entrega a carga também entrega a quem a leva um certificado de embarque.
25. As bandeiras dos nossos navios são quadradas; | as dos japoneses são uma tira de pano comprida amarrada em um bambu.
26. Em nossos navios, as coisas neles carregadas não significam nada; | os japoneses consideram que levar os sinos das varelas é de grande importância.
27. Nós temos por contos de fadas toda a história das sereias ou dos homens marinhos; | eles acreditam que debaixo do mar há um reino de lagartos



- que são racionais e se salvam.
28. Nos nossos navios se leva sempre água para muito tempo; | as *funes* dos japoneses levam água para aproximadamente dois dias.
 29. Entre nós se a vela romper é logo costurada; | no Japão vai sempre rompida ou descosida sem se ter preocupação com isso.
 30. Nas nossas fustas e catures se embarcam e desembarcam pela proa; | as embarcações do Japão viram logo a popa para a terra e por ali se embarcam e desembarcam.

Capítulo 13º

DOS DRAMAS (AUTOS), COMÉDIAS, DANÇAS, CANTOS E INSTRUMENTOS DE MÚSICA DO JAPÃO

1. Os nossos autos ordinariamente se fazem de noite; | os japoneses os executam quase a qualquer hora, dia e noite.
2. Entre nós aparece um ator com máscara, muito lentamente; | no Japão, saem dois ou três com o rosto descoberto muito depressa e põem-se uns na frente dos outros na postura em que estão galos para pelejar.
3. Os nossos autos são em trovas; | os seus todos em prosa.
4. Os nossos muitas vezes variam e outros se fazem de novo; | os seus são já *ab initio* determinados em tudo sem nunca variar.
5. Os nossos, sendo autos e não tragédias, não se dividem em cenas; | os seus vêm sempre repartidos em primeiro ato, segundo, terceiro, etc.
6. Os nossos personagens, quando entram no palco, saem de dentro de outra casa donde não podem ser vistos; | os japoneses estão de pé perto do palco do teatro, atrás de cortinas de fune.
7. Os nossos autos são falados durante a performance; | nos deles quase sempre cantando ou dançando.
8. Entre nós seria perturbação e injúria se alguém quisesse fazer bobagens durante a performance do auto; | no Japão serve como adorno e embelezamento do espetáculo estarem alguns de pé do lado de fora dando umas grandes apupadas.



9. Entre nós as máscaras cobrem o queixo da barba todo por baixo; | as máscaras do Japão são tão pequenas que daquele que faz o papel de mulher sempre se vê a barba por baixo.
10. Nas nossas comédias ou tragédias se introduzem suaves instrumentos de música; | no Japão uns tambores de mão em forma de concha, um tímpano com dois paus e um pífaru de bambu.
11. Nas nossas danças se fazem mudanças de posição ao som da percussão, mas não se canta; | nas dos japoneses se há sempre de cantar ao som do atabaque.
12. Os nossos dançarinos usam sinos e andam eretos; | os do Japão aban nas mãos e andam sempre como [roubados?] ou como pessoas que olhando para o chão andam buscando o que perderam.
13. As nossas danças se fazem de dia; | e as suas quase sempre de noite.
14. O dançar da Europa é de muitos movimentos dos pés; | o do Japão é mais grave e feitos pela maior parte com as mãos.
15. Entre nós a música de diversas vozes é sonora e suave; | a do Japão, como todos se esganiçam em uma só voz, é a mais horrenda que se pode escutar.
16. Entre as nações da Europa em todas há garganta; | ninguém dos japoneses canta com a voz na garganta.
17. Entre nós é suavíssima a melodia de cravo, viola, flautas, órgãos, charamelas, etc.; | aos japoneses todos os nossos instrumentos são insuaves e desagradáveis.
18. A harmonia e proporção da nossa música de canto de órgão estimamos muito; | os japoneses a tem por *caxi maxi* e não gostam nada dela.
19. Ordinariamente entre nós a música dos fidalgos é mais suave que a da gente baixa; | a dos fidalgos japoneses, nós não a podemos ouvir, e a dos marinheiros nós gostamos.
20. Na Europa os meninos cantam uma oitava acima dos homens; | no Japão todos em igual nível esganiçando-se no nível em que o timbre está descansado.
21. As nossas violas têm seis cordas exceto o duplo, e tangem-se com a mão;



- | as do Japão têm quatro e tangem-se com uma espécie de pente.
22. Entre nós a gente nobre se preza de tanger violas; | no Japão é ofício dos cegos como na Europa os sanfoneiros.
 23. Os nossos cravos têm quatro cordas e tangem-se pelas teclas; | os do Japão têm doze cordas e tangem-se com umas unhas de madeira feitas para isso.
 24. Entre nós os cegos são muito pacíficos; | no Japão muito briguentos, trazem bastões e *vaqizaxis* e são muito passionais.
 25. Os fidalgos na Europa dormem de noite e folgam de dia; | os japoneses fidalgos dormem de dia e têm suas festas e folguedos à noite.
 26. Na Europa em serões, autos e tragédias não se come nem bebe; | no Japão nenhuma coisa destas se faz sem vinho e *sacana*.
 27. Entre nós os saltos nas danças e pandeiros para cima é costume; | eles o estranham muito e o tem em nós por doidice e barbaridade.
 28. Entre nós ir um fidalgo muito nobre a cavalo descalço e sem barrete seria doidice; | no Japão é costume ordinário andarem desta maneira.
 29. Na Europa anda arando um homem com um par de bois; | no Japão para arar vai um só boi com dois homens.

Capítulo 14º

DE ALGUMAS COISAS DIVERSAS E EXTRAORDINÁRIAS QUE NÃO SE REDUZEM AOS CAPÍTULOS ANTERIORES

1. Nós temos a pederneira na mão esquerda e a usamos para fazer fogo com a mão direita; | eles o fazem com a esquerda tendo a pederneira na direita.
2. Entre nós se mostra muita desolação na perda das posses e queima das casas; | os japoneses passam por tudo isso muito levemente.
3. As nossas casas quando se queimam acodem-lhe com água e com desfazer as casas dos vizinhos; | os japoneses põem-se nos outros telhados a começam a abanar grãos e gritar para o vento que se vá.



4. Entre nós é suma injúria dizer a um homem no rosto que mente; | os japoneses riem-se disso e o tem por galanteio.
5. Entre nós não mata senão quem tem alçada a jurisdição para isso; | no Japão cada um pode matar em sua casa.
6. Entre nós é espanto matar a um homem, e nenhum matar vacas, galinhas ou cães; | os japoneses se espantam ao ver matar animais e matar homens é coisa corrente.
7. Entre nós não se mata por furto senão até uma certa quantidade; | no Japão por qualquer coisa ainda que seja muito pequena.
8. Entre nós, se um mata a outro justificadamente ou se foi para sua defesa, salva-se; | no Japão, se um mata, há de morrer; e se não aparece, matam outro em seu lugar.
9. Entre nós não se crucifica; | no Japão é coisa muito usada.
10. Entre nós se repreendem os criados e se castigam os servos com açoites; | no Japão a repreensão e castigo é cortar a cabeça.
11. Entre nós há troncos, alcaides, meirinhos e capangas; | entre os japoneses não há nada disto, nem açoitar, desorelhar, nem enforcar.
12. Entre nós, o furto que se acha se torna por justiça a seu dono; | no Japão o tal furto achado toma-o a justiça para si por perdido.
13. Entre nós, homens, mulheres e crianças têm medo da noite; | no Japão, pelo contrário, os grandes nem os pequenos nenhum medo têm.
14. Entre nós geralmente se tem medo às cobras e asco de lhes pôr a mão; | os japoneses as tomam com a mão muito facilmente sem temor, e alguns as comem.
15. O espirrar entre nós é coisa natural e da qual não se faz caso; | nas ilhas de Goto se tem por agouro e não se pode falar ao tono quem aquele dia espirrou.
16. Entre nós se usa de moedas de ouro e prata; | no Japão correm em pedaços sempre a peso.
17. Nós na Europa sempre usamos balanças; | e os japoneses de dachen.
18. Entre nós a moeda de cobre é inteira; | no Japão furada pelo meio.
19. Na Europa comumente não se dá presente com moeda de cobre; | no Ja-



- pão é muito corrente ir fazer *rei* aos senhores com caixas.
20. Nós pomos a honra nos nomes [substantivos]; | o Japão a põe toda no uso dos verbos.
 21. Nós lavamos as mãos para tocar em alguma coisa preciosa; | os japoneses as lavam para verem os *dongus* de *chanoyu*.
 22. Na Europa se matam os porcos monteses com chuças, galgos e espingardas; | os japoneses muitas vezes às *catanadas*.
 23. Entre nós matar moscas com a mão é sujidade; | no Japão o fazem príncipes e senhores tirando-lhes as asas e jogando-as fora.
 24. Os bugios da Europa em sua maior parte têm rabos; | no Japão há muitos e nenhum que o tenha, e para os japoneses isto é coisa nova.
 25. Entre nós faz-se a conta com caneta ou tentos; | os japoneses a fazem com *jina*.
 26. Entre nós, dar de presente diversas coisas se tem por mais sinal de amor; | no Japão, quanto menos coisas, maior primor.
 27. Entre nós não se usa dar mezinhas de presentes; | no Japão é coisa muito corrente dar mezinhas em cascas de amêijoas.
 28. Entre nós ordinariamente é costume ir a visitas sem se levar nada; | no Japão quem vai visitar na maior parte das vezes há de levar alguma coisa.
 29. Entre nós, das coisas que alguém traz de presente, não é comum que se as abram e as provem; | no Japão, em sinal amor, quem as dá e quem as recebe hão logo de prová-las ali mesmo.
 30. Entre nós se usa de abraços na despedida e na chegada; | os japoneses totalmente não o usam, antes riem quando o veem fazer.
 31. Entre nós se joga a bola com a mão; | os japoneses a jogam com o pé.
 32. Entre nós se joga a bola na parede e sempre para cima; | no Japão o jogo se faz no chão, dando sempre com a bola para baixo.
 33. Entre nós há moinhos, moinhos de água e moinhos com cavalo; | no Japão tudo o que se mói é com roda de mão à força de braço.
 34. Na Europa se comunicam e recreiam os homens pelas praças e ruas; | no Japão somente em suas casas, e pelas ruas sempre vão de passagem.
 35. Entre nós o riso fingido se tem por falta de seriedade; | no Japão por bom



- comportamento e bom caráter.
36. Na Europa, busca-se clareza nas palavras e evita-se a ambiguidade; | no Japão, as expressões ambíguas são a melhor linguagem e a mais apreciada.
 37. Entre nós, se trouxesse um homem honrado uma pele de raposa ou chocal pendurada atrás da cintura, tê-lo-iam por doido; | no Japão, os fidalgos quando fazem obras as trazem, e também os pajens, para sentarem nelas.
 38. Na Europa apenas os sacerdotes carregam a tonsura sacerdotal; | nas partes do *Goginay* as trazem os *comonos*, que usam os sapatos dos seus mestres.
 39. Na Europa as pedras que se jogam se vão lançando para frente; | no Japão se vai sempre as atirando para trás.
 40. Na Europa os açores e falcões estão quase sempre com uma proteção nos olhos; | no Japão sempre têm os olhos descobertos.
 41. Entre nós se lavam os nabos com as mãos; | as mulheres japonesas os lavam com os pés.
 42. Os sacos de trigo e cevada entre nós são de pano; | no Japão são de palha.
 43. Nós quando aquecemos as mãos colocamos as palmas para o fogo; | os japoneses quando se aquecem viram as costas das mãos para o fogo.
 44. Entre nós, dando-se um recado comprido, a pessoa fica de pé ou de joelhos enquanto o transmite; | no Japão está com ambos os joelhos no chão e quase de bruços com uma mão apoiada no *tatami* e, com a outra, precisa abrir a manga da primeira e tocar levemente o braço.
 45. Entre nós, quando se fala em pé, estão os homens e com um pé diante do outro; | no Japão, quando dois falam, o que é inferior deve unir os pés, cruzar as mãos no cinto, inclinar o corpo para frente e, de acordo com o que o outro fala, curvar-se como fazem as mulheres europeias.
 46. Entre nós é diferente a toalha que serve para o rosto da que se usa para limpar os pés; | os japoneses, quando lavam o corpo, usam a mesma toalha para tudo.



47. Nós limpamos as narinas com o dedo polegar ou indicador; | eles, por terem-nas pequenas, o fazem com o dedo mindinho.
48. Entre nós as cortesias se fazem com o rosto sereno e grave; | os japoneses infalivelmente sempre com risinhos fingidos.
49. Nossos barris de vinho são bem fechados em ripas de madeira acima do solo; | os japoneses têm seu vinho em jarros sem lacre com uma grande abertura, enterrados até a borda no chão.
50. Nossas peles são tingidas com cores líquidas; | os japoneses coloreem muito bem apenas com a fumaça da palha.
51. As nossas canas, exceto rocas para fiar, servem na Europa para mui poucas coisas; | os bambus do Japão servem de iguaria para se comer no *xiro*, servem de arcos, flechas, assoalho da casa e telhas do telhado, escadas, almotolias de azeite, vasilha para o vinho, esteiras, escovas para o chá e de outras muitas coisas.
52. Os presentes que entre nós se mandam em caixinhas vão sem nenhuma fita; | no Japão se atam com fita ou grudam com papel, e no *Ximo* vão as vasilhas amarradas com os cintos das mulheres.
53. Nós refrescamos a cabeça com água de rosas; | os japoneses com o vinho que tomam na mão.
54. Entre nós para uma pessoa beber um púcaro da água se lhe dá uma colher de geleia ou uma fatia de geleia; | no Japão para tomar o sacanzuqui basta dar-lhe um só pedaço de açúcar ou coisa do seu tamanho.
55. Nós por amizade oferecemos na Europa a um amigo um buquê de rosas; | os japoneses uma rosa ou um cravo somente.
56. Nós colocamos muito benjoim imediatamente sobre o fogo; | os japoneses põem sobre a cinza quente uma laminazinha de prata muito fina e sobre ela um pouco de aloé do tamanho de dois ou três grãos de trigo.
57. Nós temos a paixão da ira muito solta e a impaciência muito pouco domada; | eles em estranha maneira as têm moderadas e são nisso muito moderados e advertidos.
58. Na Europa, se uma mulher casada ou solteira, por algum caso fortuito, é acolhida na casa de algum senhor, ali é favorecida e ajudada e posta a sal-



vo; | no Japão, quando são acolhidas na casa de qualquer *tono*, perdem a liberdade e ficam suas cativas.

59. Entre nós os que fazem as pazes se pedem perdão e se abraçam; | no Japão o culpado esfrega as mãos diante do outro e bebe o seu *sacanzuqi*.
60. Entre nós as enxadas são largas e curtas no ferro; | o ferro das enxadas do Japão é muito estreito, comprido e côncavo.
61. As flautas da Europa são de madeira e têm um bocal por onde são sopradas; as do Japão são de bambu e são abertas todas por baixo e por cima.
62. Entre nós os servos são barbeados e deixam-se crescer os topetes dos cavalos; | no Japão tosquiavam-se os topetes dos cavalos e deixam-nos crescer nos *comonos*.
63. As uvas e figos de Portugal são para nós frutas aceitas e muito gostosas; | os japoneses se aborrecem com os figos e não gostam muito das uvas.
64. Entre nós não é costume convidarem os servos em suas casas aos seus senhores e senhoras; | no Japão o fazem muitas vezes, umas por obrigação e outras sem ela.
65. Quando na Europa os servos acompanham seus senhores, eles não andam em suas roupas; | os *tonos* no Japão emprestam suas roupas e *cata-nas* douradas aos seus servos, para aumentar sua própria reputação (*yxei*).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROCCO, Pedro Dalla Bernardina. Psicagogia e Espiritualidade em Manuel da Nóbrega e Luís Fróis: análise comparada das missões jesuítas no Brasil e no Japão (1549-1587). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, PPGSD, 2019.

DALGADO, Sebastião Rodolfo. Glossário Luso-asiático, vol I. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.

FROIS, Luis S.J. Kulturgegensätze Europa-Japan (1585): Tratado em que se contém muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta provincia de Japão. Ed. Josef Franz Schütte, S. J. Tokyo: Sophia Universität, 1955.

GINZBURG, Carlo. Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LESTRINGANT, Frank. L'antipathie entre les peuples (XVIe-XVIIe siècles), de Luis Fróis à Antoine Galland. Cahiers de l'Association internationale des études françaises, 2002, n. 54, pp. 175-192.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Préface à Européens et Japonais. Traité sur les contradictions et différences de mœurs, écrit par le R. P. Luis Fróis au Japon, l'an 1585. Paris : Chandeigne, 1998.

ROSA, Cristina. Il "Tratatto" di Luís Fróis: Europa e Giappone Due culture a confronto nel secolo XVI. Viterbo: Sette Città, 2017 (edição eletrônica).



NOTAS

1. Edição organizada por Pedro Brocco, apresentada em anexo à sua tese de doutorado (BROCCO, 2019).
2. Psicanalista. Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense (PPGSD-UFF). E-mail para contato: pbrocco@uol.com.br.
3. Trata-se da edição utilizada aqui como base (FROIS, 1955).
4. Cf. Estudo introdutório de Cristina Rosa (ROSA, 2017).
5. Carlo Ginzburg afirma que para Montaigne, no ensaio sobre os canibais, traçando um paralelo com autores ingleses do mesmo período como George Puttenham, o termo “bárbaro” possuiria um sentido positivo de universalidade (GINZBURG, 2004, pp. 55-57).
6. Dannas, forma plural portuguesa de danna: Vocabul. da ling. d. lap., Nagasaki 1603, fol. 70v: “Danna. Fregueses, ou devotos, & professores dalgua seita. Item. Por encontro. Fregueses dalgum oficial que continuão com elle em otra, que lhe encomendão, & c. ” Após o Kojirin 1254, vem a palavra sânscrita Dâna-pati. Significa o mesmo que a palavra (japonesa) Seshu: alguém que mantém um certo templo com suas esmolas ou contribui para sua manutenção (apenas um desenvolvimento posterior levou a outros significados, por exemplo, chefe de família). Tradução livre.
7. A versão integral do *Tratado* aqui transcrita terá o vocabulário adaptado, quando possível, ao português contemporâneo e terá como base a edição *princeps* organizada por Josef Franz Schütte, publicada em Tóquio em 1955: FROIS, Luis S.J. *Kulturgegensätze Europa-Japan (1585): Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta provincia de Japão*. Ed. Josef Franz Schütte, S. J. Tokyo: Sophia Universität, 1955.
8. Ximo tornou-se a região de maior influência jesuíta e portuguesa no sul do Japão, compreendendo a ilha de Kyushu e de modo especial a área próxima a Nagasaki, em especial a província de Hizen com as cidades de Arima e Omura. Fróis apresenta o Ximo como uma parte especial e já sob influência dos costumes portugueses, em oposição à área central em torno da capital Miaco (FROIS, 1955).
9. Katsusa, uma pequena aldeia de Hizen, ao sul de Takaku e perto de Arima. Fróis escreve uma carta ao Geral da Companhia Claudio Acquaviva em outubro de 1585 em que diz: “O Padre Provincial, para melhor poder acudir aas cousas do Tacaqu, & aas da outra banda de Nagasaki, & aos negocios que vem de Bungo & do Meaco, residio passante de hum anno em Cazusa, que he mea legoa de Cuchinotçu e tres legoas e meia de Arima, e dali visitava estas partes, quando convinha, Ali residião com elle hum Padre (= P. Luís Fróis) seu consultor, & tres Irmãos, hum delles Japão, pregador antiguo na Companhia, e outros dous Irmãos Portugueses...”. Cf. nota de rodapé na edição organizada por Josef Franz Schütte, op. cit. (FROIS, 1955).
10. Tem a conotação de *remédio caseiro*. Opto por não modificar o vocábulo para “remédios” para preservar a ideia popular dos artífices japoneses da medicina (N. O.).
11. Ferramentas e equipamentos (N. O.).



12. Fróis está fazendo referência, muito provavelmente, ao que hoje se convencionou chamar de “olhos azuis” (N.O.).
13. A bexiga designava o que posteriormente se conheceu como varíola (N.O.).
14. Reproduzimos este trecho tal como aparece na edição consultada. É possível que estivesse faltando o termo no manuscrito consultado por Josef Franz Schütte ou houvesse um vocábulo de difícil compreensão.
15. *Canga* tem um campo semântico muito rico. Sebastião Rodolfo Dalgado, em seu *Glossário Luso-asiático* informa que o termo remete a uma “tábua de suplício”, informação reforçada por Antônio Geraldo da Cunha no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, p. 121, o qual informa o vocábulo *canga* tendo uma de suas origens num antigo instrumento de tortura chinês. Porém, o termo aqui referido por Fróis liga-se a *ganga*, que por sua vez se refere ao tecido de algodão grosseiro, amarelado ou azulado de origem chinesa (N.O.).
16. *Nuno*, palavra japonesa para pano (N.O.).
17. Dalgado informa que *catabira* (do japonês *katabira*) designa “cabaia japonesa, feita de linho e usada no estio”. Exemplifica utilizando uma das cartas do próprio Fróis, de 1569, que diz “Veio seu filho de dentro com hum vestido muito rico, e hua **catabira** branca muito fina, que me mandava el Rey aquillo, pera que logo o vestisse, e a Lourenço outra **catabira** muito fina”. *Cartas de Japão*, I, fl 274 (DALGADO, 1919, p. 230). (N. O.).
18. O *dobuku* foi introduzido no Japão pelos chineses e inicialmente usado pelos guerreiros em campo de batalha. Mais tarde, seu uso se tornou comum na alta sociedade (N.O.).
19. O termo *vruxado* aparece muitas vezes no *Tratado* de Fróis. Refere-se ao que hoje se entende por “laqueado”. Fróis usa uma construção curiosa do particípio passado da palavra japonesa *urushi* (uruxi na antiga ortografia portuguesa), que significa laca. As bainhas eram feitas de madeira pintada, muitas vezes finamente granuladas. (N.O.).
20. Casacos mouros sem mangas. (N.O.).
21. Sandálias de sola alta (N.O.).
22. Meias (N.O.).
23. Divisão no topete do cabelo (N.O.).
24. *Wataboshi*: “Cousa feita de borra para cubrir a cabeça, como pano de cabeça ou como mantelhinha”, *Vocabulário da lingua de lapam*, Nagasaki, 1603, nota da página 120 da edição organizada por Josef Franz Schütte, op. cit.
25. *Kubo*: “Xogum no coto. Dignidade de capitão principal; ou general de todo lapão”: *Vocab. da lingua de lapam*, idem, ibidem.
26. Antiga unidade de medida de comprimento equivalente a 0,66 m (N.O.).
27. No sentido social (N.O.).
28. Designa ama, mulher raspada ou religiosa gentia (N. O.).
29. Para a linha de batalha, para a guerra (N. O.).
30. Selas de cadeira ou selas de mulheres (N. O.).



31. Taça ou copo (N. O.).
32. *Hashi* (N. O.).
33. Schütte opta por traduzir este termo faltoso por *sehr selten*, muito raramente. Cf edição de Schütte, op. cit., p. 141 (N. O.).
34. Espada japonesa (N. O.).
35. Espada curta, punhal (N. O.).
36. Técnica da *moxa* ou *moxabustão* (N. O.).
37. Fregueses ou devotos (N.O.).
38. A forma plural do português, de *Nengoro*, é o nome de uma vila na província de Kii onde o templo budista Negoro-dera, um ramo do templo Shingon Koya-san, foi fundado no século XII (N.O.).
39. Senhor de alguma terra, ou que tem criados ou renda (N. O.).
40. Engano e ardil de guerra (N. O.).
41. Jardins (N. O.).
42. Hábito de religiosos (N. O.).
43. Sutra da flor de lótus da maravilhosa lei (N. O.).
44. Segundo o *Vocabulário da lingua de lapam*, Nagasaki, 1603, fol. 137: “Ixei. Fausto, & poder”, nota de Schütte (FROIS, 1955).
45. São as divindades xintoístas (N. O.).
46. Em sentido amplo, são as divindades budistas (N. O.).
47. Isto revela o sincretismo religioso no Japão com o xintoísmo ocupando-se da regulação da vida e o budismo ocupando-se da morte (N. O.).
48. *Shiru*: caldo, sopa (N. O.).
49. Valignano também observa em seu *Japansummarium*, cap. 2: “Hasta la trévedes han de poner al revés de nosotros en el fuego, porque ponen los piés para arriba y el circulo para baxo”, nota da edição de Schütte, op. cit., pp. 172-173. Em tradução livre: “Até as trempes hão de colocar ao contrário de nós no fogo, porque põem os pés para cima e o círculo para baixo” (N. O.).
50. Tigelinha de barro (N. O.).
51. Escudela de madeira em que se come o arroz (N. O.).
52. *Vocabulario de lingua de lapam*, Nagasaki 1603, fol. 214: “Sacana. Cousa de comer come carne, & peixe. Item. Qualquer cousa de appetite, quando se come para beber sobre ella”. Nota da edição de Schütte (FROIS, 1955, pp. 178-179).
53. *Vocabulario da lingua de lapam*, Nagasaki 1603, fol. 55: “Cogai. Hum ferro a maneira de canivete de cobre preto, ou dourado que se mete em hua ilharga da bainha da catana”. Nota da edição de Schütte (FROIS, 1955, p. 186).
54. Punhal (N. O.).
55. Canivete ou faca (N. O.).



56. *Vocab. da lingoa de lapam*: “Nanguinata. Hua maneira de alabarda que tem o ferro como de fouce roçadoura”. Nota de Schütte (FROIS, 1955).
57. Objeto usado para guardar pólvora (N. O.).
58. Trabalhadores rurais, trabalhadores da terra (N. O.).
59. Fróis usa “murrão” para o termo “estopim”, que tomo da tradução de Schütte (N. O.).
60. Força (N. O.).
61. Laca (N. O.).
62. Vocabul. d. ling. d. lap., Nagasaki 1603: “Fixacu. Hua maneira de coco com seu cabo pera tirar agoa”. Nota de Schütte (FROIS, 1955, p. 200).
63. Fróis refere-se muito provavelmente à técnica da *moxabustão*, presente também na medicina tradicional chinesa e provavelmente daí derivada para o uso no Japão. Trata-se da aplicação de pequenas quantidades da erva *artemisia vulgaris* ou *artemisia sinensis* em lenta combustão em pontos localizados do corpo (N. O.).
64. A escrita japonesa nas duas formas de *katakana* e *hiragana* (N. O.).
65. A tinta japonesa é moída em uma pedra com água (N. O.).
66. Especificamente, de propósito (N. O.).
67. Pilares (N. O.).
68. Estrutura por onde deslizam as portas (N. O.).
69. Cerimônia do chá no Japão; atividade tradicional com influências do taoísmo e do zen budismo em que se prepara e se serve cerimonialmente o chá verde aos convidados (N. O.).
70. Salas de estar (N. O.).
71. Pia (N. O.).
72. O navio japonês (N. O.).
73. Templos (N. O.).
74. Encontram sua salvação eterna (N. O.).
75. Fróis utiliza o neologismo verbal “bonzeando” para se referir a “bobagens”, o que revela seu sentimento em relação aos bonzos japoneses. No trecho original lê-se: “Antre nós seria perturbação e injúria estar hum bonzeando enquanto se faz o auto; | em Japão hé decoro e ornamento do que se representa estarem alguns de fora dando humas grandes apupadas” (N. O.).
76. Barulhenta e perturbadora (N. O.).
77. Punhais (N. O.).
78. Tira-gosto para comer com saquê (N. O.).
79. Arquipélago no Noroeste de Kyushu. Logo após sua chegada ao Japão, Fróis passou muitos meses no arquipélago vizinho Hirado (N. O.).
80. Boas-vindas (N. O.).



81. Dispositivos (N. O.).
82. Aportuguesamento da palavra japonesa *katana*, espada (N. O.).
83. Pela importância desta dupla afirmação para a psicanálise e a etnolinguística, reproduzo-a aqui no original: “Em Europa procurão clareza nas palavras e fojem da equivocação; | em Japão as equivocacões hé a melhor lingoa e são as mais estimadas” (N. O.).
84. As províncias centrais japonesas em torno de Miyako (N. O.).
85. Servos (N. O.).
86. *Sakazuki*: copo de saquê (N. O.).
87. Reputação, influência, poder (N. O.).

